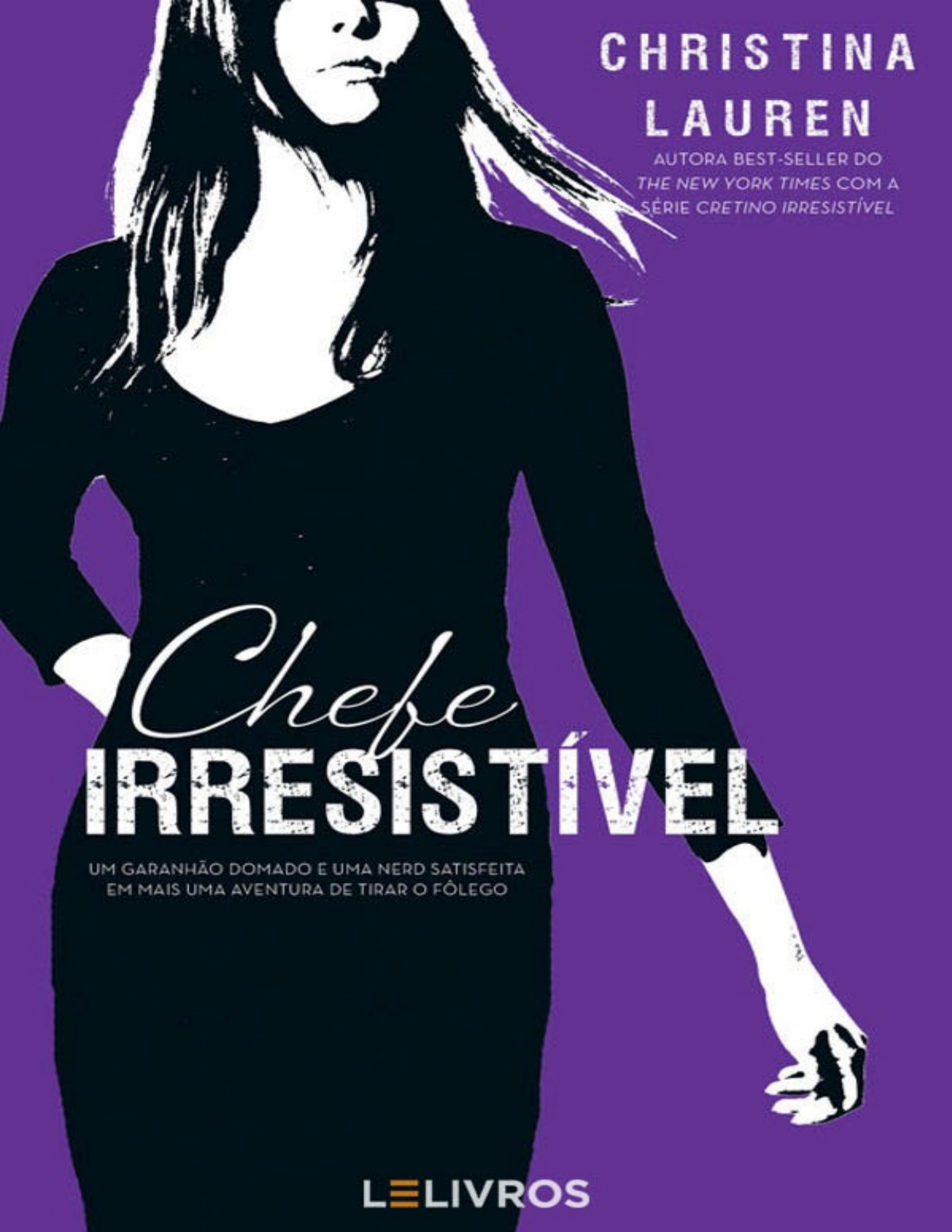




CHRISTINA  
LAUREN

AUTORA BEST-SELLER DO  
THE NEW YORK TIMES COM A  
SÉRIE CRETINO IRRESISTÍVEL

*Chefe*  
**IRRESISTÍVEL**

UM GARANHÃO DOMADO E UMA NERD SATISFEITA  
EM MAIS UMA AVENTURA DE TIRAR O FÔLEGO

**LELIVROS**



# DADOS DE COPYRIGHT

## Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [Le Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

## Sobre nós:

O [Le Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: [LeLivros.org](#) ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados [neste link](#).

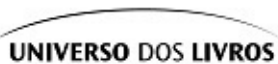
*"Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não mais lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade poderá enfim evoluir a um novo nível."*



**CHRISTINA LAUREN**

*Chefe*  
**IRRESISTÍVEL**

São Paulo  
2016



**UNIVERSO DOS LIVROS**

Portuguese Language Translation copyright © 2016 by Universo dos Livros Editora Ltda.

*Beautiful Boss*

Copyright © 2016 by Christina Hobbs and Lauren Billings  
All Rights Reserved.

© **2016 by Universo dos Livros**

Todos os direitos reservados e protegidos pela Lei 9.610 de 19/02/1998.  
Nenhuma parte deste livro, sem autorização prévia por escrito da editora, poderá ser reproduzida ou transmitida sejam quais forem os meios empregados: eletrônicos, mecânicos, fotográficos, gravação ou quaisquer outros.

Diretor editorial: **Luis Matos**

Editores-chefe: **Marcia Batista**

Assistentes editoriais: **Aline Graça e Letícia Nakamura**

Tradução: **Eloise De Vylder**

Preparação: **Mariane Genaro**

Revisão: **Sandra Scapin e Alexander Barutti**

Arte e adaptação de capa: **Francine C. Silva e Valdinei Gomes**

Design original da capa: **Fine Design**

Imagens de capa: **SensorSpot/Getty Images e Viorel Sima/Shutterstock**

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

Angélica Ilacqua CRB-8/7057

---

L412c

Lauren, Christina

Chefe irresistível / Christina Lauren ; tradução de Eloise de Vylder. – São Paulo : Universo dos Livros, 2016. (Beautiful Bastard, 9)

112 p.

ISBN: 978-85-503-0011-5

Título original: Beautiful Boss

1. Literatura americana 2. Literatura erótica 3. Ficção I. Título II. Vylder, Eloise de.

16-0267

CDD 813.6

---

**Universo dos Livros Editora Ltda.**

Rua do Bosque, 1589 – Bloco 2 – Conj. 603/606

CEP 01136-001 – Barra Funda – São Paulo/SP

Telefone/Fax: (11) 3392-3336

[www.universodoslivros.com.br](http://www.universodoslivros.com.br)

e-mail: [editor@universodoslivros.com.br](mailto:editor@universodoslivros.com.br)

Siga-nos no Twitter: @univdoslivros

# Um

Uma viagem para Boston.

Um jantar, um jantar de véspera de casamento, e uma noite de farra com os amigos.

O casamento amanhã, e uma noiva dormindo... no fim do corredor.

Eu tinha a sensação de que esse arranjo não duraria muito. Hanna odiava dormir longe de mim nas viagens que vinha fazendo para entrevistas para cargos docentes. E eu também. E, justo na noite anterior ao nosso casamento, a mãe dela nos reserva quartos separados... para seguir a tradição, aumentar o suspense?

Deixa para lá.

Aquilo não duraria muito.

Estendi a mão para trás, afofando os travesseiros e me estiquei na cama *king-size* gigante.

Meu celular vibrou no criado-mudo e eu ri, dizendo “eu sabia” para o quarto vazio, antes de atender:

– Hanna, meu amor.

Ela nem disse alô.

– Estou nervosa.

Eu sorri ao telefone.

– Isso não me deixa surpreso. Você vai jurar me obedecer e ser minha escrava sexual pelo resto da sua vida. Você sabe que não vou te dar moleza.

Ela nem se deu ao trabalho de rir.

– Posso ir para o seu quarto?

– É claro – eu disse. – Estava aqui imaginando você me fazendo um...

– Não! – ela interrompeu bruscamente. – Não, não posso. Isso foi um teste, Will. Você deveria me dizer que dá azar.

– Mas eu sou ateu – lembrei-lhe. – Não acredito em sorte. Acredito em intenção. Acredito em descoberta. Acredito em sexo na véspera do casamento.

Na verdade, só penso que você está a três portas de mim, totalmente enlouquecida, quando poderia vir para cá e conversar. E deixar eu enfiar meu pau dentro de você. E vou olhar para você o tempo todo e ainda assim o casamento amanhã vai ser o melhor do...

– Meus peitos parecem enormes dentro do vestido.

Suspirei, cobrindo o rosto com o braço.

– Você está tentando me matar? – perguntei.

– Eu só queria te avisar – a voz dela ficou indistinta e logo imaginei que estivesse roendo as unhas de nervoso. – Acho que talvez esteja muito exagerado. Eu queria que fosse uma coisinha só nossa, a sua obsessão por peitos, o nosso casamento; quer dizer, você...

– Hanna – eu a interrompi –, prometo fazer o possível para não enfiar a cabeça nos seus peitos no altar!

– Não foi isso que eu quis dizer.

– Ameixa. *Respire*. – Eu a ouvi inspirar profundamente e soltar o ar devagar.

– Fala para mim o que está querendo dizer? – respondi em voz baixa.

– Só que... E se eu parecer...

– Perfeita? – sugeri.

Ela soltou o ar com força e admitiu rápido:

– Peituda. Uma noiva peituda e vadia.

Segurei o riso porque, embora isso fosse ridículo para mim, sabia que não era para ela.

– Você está mesmo falando sério? É este o seu surto de véspera de casamento? Que seus peitos vão estar lindos demais amanhã?

Hanna tinha planejado o casamento com tranquilidade, delegando os detalhes finais para sua mãe enquanto viajava para as entrevistas de emprego. Ela tinha sido chamada por faculdades de quase todos os cantos do país, chegou a visitar até dois lugares diferentes em uma única semana, e nunca reclamou da loucura dos últimos meses, nem uma vez. Eu sabia que minha Hanna era sossegada, mas, *Jesus*, levando tudo isso em conta, eu esperava que acontecesse... *alguma coisa*. Um colapso emocional enquanto fazíamos as malas, mas não: entramos numa divertida guerra de roupas na lavanderia e terminamos fazendo sexo no corredor. Talvez uma discussão boba no caminho para Beantown, também conhecida como Boston, mas não: dessa vez ela me fez um boquete. Ou ainda um acesso de raiva ao chegarmos ao hotel, mas nada: ela sorriu, ficou na ponta dos pés para me beijar e gritou: “Aqui vamos nós!”.

Olhei para o quarto vazio do hotel e disse:

– Acho que tirei a sorte grande.

Ela resmungou e fez minha boca se curvar num sorriso, que logo desapareceu



quando sua voz saiu aguda e estressada.

– E se meu vestido for só peitos e você for o único que não vai achar obsceno?

– Se você fizesse um *topless* no altar eu não acharia nada mal. E a minha opinião é a única que importa amanhã.

– Então por que convidamos cento e sessenta e quatro pessoas?

– Hanna. Pare de falar agora. Venha para o meu quarto para a gente transar.

O telefone ficou mudo num clique, e alguns segundos mais tarde ouvi o barulho de passos na frente da porta, uma longa pausa e depois uma batida discreta.

– Feche os olhos – ela disse do corredor.

Fui até lá com os olhos bem fechados e abri a porta.

– Fique com os olhos fechados – ela alertou.

Obediente, eu os apertei ainda mais.

As mãos dela tocaram meu pescoço e deslizaram para o rosto, desajeitadas pelo nervosismo, até que consegui amarrar algo em torno dos meus olhos. E então Hanna ficou em silêncio. Eu não podia vê-la nem senti-la.

Estendendo as mãos, encontrei sua cintura e puxei-a para o meu peito nu.

– Fala para mim: o que está acontecendo de verdade?

– Eu não gosto de ficar longe de você na véspera do nosso casamento – ela confessou, encostada à minha pele. – Preciso de você.

Sem enxergar, deslizei as mãos pelos lados do seu corpo, passando pelos ombros e pelo pescoço e, por fim, segurei seu rosto. Meus dedos encontraram a seda macia e fui tateando o tecido até chegar ao nó atrás da cabeça.

Hanna também tinha amarrado um lenço em volta dos próprios olhos. Ah, essa mulher...

Rindo, beijei-a no topo da cabeça.

– Então fique aqui comigo.

Ela suspirou.

– Essa tradição é um saco, mas acho que, se há alguma tradição que eu deva seguir, é essa, para não estragar o casamento. Não podemos nos ver até amanhã.

Segurei seu rosto entre as mãos, inclinando-o para que eu pudesse beijá-la. Meus lábios encontraram primeiro a ponta do seu nariz e seguiram para seu alvo mais abaixo.

– Não há como estragar isso – eu disse, com os lábios encostados nos dela. Mesmo que a gente não case amanhã, você é o amor da minha vida. Vou ficar com você até nós dois morrermos, ao mesmo tempo, quando eu tiver cem anos e você, noventa e três.

Com uma risadinha, ela me virou, guiou-me até a cama e me sentou com cuidado. Então, empurrou-me até eu deitar de costas e sentou-se sobre a minha

virilha.

– Seus olhos estão abertos agora? – perguntei, provocando-a.

– Levantei minha venda por um segundo, mas já fechei os olhos de novo. Alguém tinha de nos levar para a cama em segurança.

– Quer dizer, acho que a regra é que o noivo não pode ver a noiva, certo? Você pode olhar para mim – eu sussurrei.

Ela fez uma pausa.

– Verdade?

– Sim, querida.

Depois de hesitar um pouco, ouvi a venda deslizar enquanto ela a retirava e o som suave de sua respiração.

– Aí está você. – Ela acariciou meu peito e meu pescoço e percorreu o traçado da minha boca com a ponta do dedo. – *Marido*. Isso não é uma loucura?

Minha pele se incendiou, faminta.

– Ahn...

Sua boca encostou-se à minha, calando-me. Seus lábios, tão carnudos e molhados... As mãos dela desciam pelos meus quadris, tirando a cueca. Hanna lambeu meu pescoço, enquanto seus cabelos arrepiavam minha pele à medida que ela descia até o peito e chegava à barriga...

– Dá boa sorte fazer um boquete antes do casamento. – Pude confirmar isso quando ela me segurou, lambendo-me perto da base e arrastando a língua até a ponta. – Então estamos no caminho certo.

A risadinha dela fez meu pau vibrar enquanto ela o beijava e chupava, lambendo-o e prendendo-o com toda força entre os lábios.

– Meu Deus! – sussurrei, com os quadris arqueados na cama. – Ameixa, essa venda... essa sua língua. *Caralho!*

Ela brincou comigo o suficiente para me fazer ondular na cama, então a senti mudar de posição, puxar a camisola para cima dos quadris e montar em mim.

Sua boca veio direto na minha orelha.

– Sem pegar nos meus peitos.

– O que você quiser – jurei imediatamente. – Só não pare.

– Você tem o dom de deixar chupões nos meus seios. E meu vestido é bem decotado.

– Você mencionou isso.

– Se deixar alguma marca, não vou te chupar por um ano.

Embora, provavelmente, ela estivesse brincando – eu *acho?* –, a ideia fez meu coração parar por umas três batidas.

Respondi com um reverente “eu *juro*”.

Ela pegou meu pau e o esfregou na pele perfeita e molhada entre suas pernas.

Minhas mãos agarraram o lençol de ambos os lados do meu corpo.

– Hanna? – perguntei, ofegante.

Ela fez uma pausa e respondeu:

– O quê?

– Posso pegar na sua bunda, né?

Senti quando ela parou em cima de mim e então começou a rir.

– Que tipo de vestido neste mundo mostraria a minha bunda?

– Desculpa, desculpa – falei, rindo –, não estou pensando. Caralho, Ameixa, sobe logo no meu pau!

Mas ela não fez isso. Senti seu calor, tão perto, e ela lentamente se sentou nas minhas coxas, acariciando minha barriga.

– Você está bem? – perguntei, enquanto desajeitado, saía de baixo do corpo dela, procurando seu rosto com as mãos. – Você está surtando por causa do vestido de novo? – Tentei passar os dedos discretamente debaixo dos seus olhos para ter certeza de que não estava chorando, mas ela se afastou.

– Não estou chorando!

Balancei a cabeça e fiquei em silêncio, tentando ser cuidadoso.

– Só estou nervosa – ela disse.

Meu peito ficou apertado.

– Você sabe que não vai mudar nada entre nós só porque vamos casar, não é? Continuaremos sendo Will e Hanna. Continuaremos sendo nós.

– Já parece diferente – ela disse e deslizou a ponta dos dedos pelos meus lábios quando abri a boca para protestar, e logo acrescentou: – Não em um sentido ruim. Quer dizer, parece mais profundo. Parece mais importante. Antes, eu olhava para o seu corpo e pensava: “uau, posso brincar com isso a noite inteira!”. Agora, olho para o seu corpo e penso: “uau, posso brincar com isso e... *ai, meu Deus, se alguma coisa acontecer com ele e...*”.

– Hanna, respire – eu disse com carinho, entre seus dedos.

Ela respirou fundo e deslizou a mão pelo meu pescoço, quase como se traçasse uma linha até o meu coração.

– Eu só tenho vinte e cinco anos – ela comentou depois de uma longa pausa – e sei que minha vida acabaria se eu te perdesse.

Pensar nisso foi uma facada no estômago.

– Você nunca vai me perder.

Ela não disse nada, só desenhou pequenos círculos no meu peito com os dedos.

– Ameixa, não fique assim... Nós já cuidamos tão bem um do outro... Isso aqui só irá oficializar as coisas.

O dedo dela subiu de novo e passou de um lado para o outro do meu lábio

inferior. Meu sangue ferveu nas veias.

– Eu cuido de você? – ela perguntou.

– Cuida, sim. E quando não sabe direito o que fazer, você pergunta.

Depois de algumas inspirações em silêncio, ela disse:

– Como agora?

Eu amava e odiava a escuridão de estar vendado. Queria ver o rosto de Hanna, mas só pela voz eu podia imaginar: os dentes mordendo delicadamente os lábios, os olhos fixos onde seus dedos tocavam minha pele com um cuidado enlouquecedor. Foi assim que começamos: ela perguntava e eu dizia o que fazer.

– Você não sabe como cuidar de mim agora?

– Só estou ansiosa nesta noite... – ela sussurrou. – Ajuda quando você me diz o que quer que eu faça.

Meu coração pareceu parar e depois explodir. Já fazia um tempo que não entrávamos nesse jogo.

– Sente-se de novo em cima de mim – eu a instruí, com a voz rouca.

Ela se mexeu, e senti seu calor intenso, quase encostando no meu pau. Segurei um gemido.

– Coloque para dentro. Devagar. Me provoque um pouco.

A mão dela me segurava firme, à medida que ela se posicionava em cima de mim, se esfregando e abaixando, pouco a pouco.

*Que tesão do caralho!*

Quase não me segurei.

– Assim, assim.

– Will...

Já tínhamos feito amor umas mil vezes, talvez mais, e sempre me chocava o fato de eu ter de contar até dez e me distrair para não explodir logo que a penetrava.

– Para cima e para baixo – eu disse. – Não provoque. Quero sentir cada milímetro.

O hálito quente dela me arrepiava o pescoço, seus cabelos roçavam nos meus ombros, e ela fez exatamente o que pedi. Mas podia facilmente ter me deixado entrar de uma só vez. Ela estava molhada como o oceano.

Meus pensamentos saíram dos trilhos com toda aquela intensidade, e tudo pareceu vir à tona num lampejo: ali estávamos nós, à beira dessa aventura maluca, e eu nunca tinha desejado nada com tanta força em toda minha vida.

Enquanto Hanna se movia lentamente sobre mim, mais rápido e cada vez mais confiante, esquecendo-se de si mesma e se perdendo, eu não parava de pensar na verdade daquilo. Quanta gente encontra uma pessoa a quem deseje tanto, de quem queira estar junto, a quem queira pertencer? Quantos homens se casam

com a sua melhor amiga, com a pessoa que mais admiram no mundo?

Tirei minha venda e vi seu rosto no momento em que ela se deixou cair: os olhos fixos nos meus, os lábios abertos num gemido ofegante. O alívio tomou conta de sua expressão quando nossos olhos se encontraram – ela precisava ver isso, precisava me ver, ser acalmada pelo meu olhar –, e eu sabia que ela podia ler meus pensamentos com a mesma clareza com que eu lia os dela.

*Não confie na tradição dos outros, pensei, sentindo meu corpo se mexer mais para cima, mais perto dela. Confie em mim. Confie em nós para encontrarmos nosso próprio caminho.*

A necessidade e o prazer desciam se debatendo pela minha espinha, quentes e urgentes. Meus dedos se afundaram em seus lábios, empurrando-a com força para a frente e para trás em cima de mim, até que senti que estava perto, quase lá, e o sussurro dela – *adoro ver você gozar* – me fez perder o controle.

Gozei dentro de Hanna com um gemido forte, com os meus olhos presos desesperadamente aos seus.

– Viu? – ela sussurrou, com o rosto encharcado de suor quando o pressionou contra o meu pescoço. – Eu precisava disso. Amanhã é uma mera formalidade. Parece que nos casamos agora mesmo.

– Amanhã será uma formalidade desde que você me bateu uma punheta naquela festa nojenta de estudantes.

Em cima de mim, ela riu.

–

Hanna não estava mais lá quando acordei mas sim um bilhete escrito por ela às pressas e deixado no meu travesseiro – *Vejo você às duas!* – que me fez rir alto no quarto vazio.

Minha noiva: que romântica!

A manhã foi movimentada: café da manhã com os padrinhos homens; recepção dos convidados que chegavam ao hotel; minha mãe e minhas irmãs me chamando o tempo todo para checar de novo a disposição das mesas, as instruções de entrega e os pedidos para os músicos. Percebendo minha necessidade de simplesmente me enfiar no chuveiro e me aprontar para o casamento, Jensen entrou em ação e as levou para o Centro de Comando, e a mãe de Hanna, Helena, ficou mais do que feliz delegando tarefas o dia inteiro.

Depois de tomar um banho quente, fazer bem a barba e tomar três xícaras de café, ouvi uma batida na porta do meu quarto. Uma parte de mim se perguntava se poderia ser Hanna, mas percebi que isso só seria possível se ela tivesse fugido

de sua irmã Liv, de sua mãe, de George e de Chloe e Sara, mais conhecidas como “a matilha”, como Jensen gostava de chamá-las, como se fossem um bando de leões. Se Hanna tivesse conseguido tudo isso, com certeza haveria corpos em algum lugar, e me ver antes do casamento seria a última de nossas preocupações.

– Sou eu – ouvi meu futuro cunhado dizendo.

Deixei Jensen entrar na suíte. Ele já estava vestido, usava o smoking de praxe e estava com uma aparência ótima. Estivéramos juntos durante todo o dia anterior, mas, de certa forma, no frenesi da véspera do casamento, não percebi que ele tinha perdido uns dez quilos desde a última vez que tínhamos nos visto.

– Você tem se exercitado? Você está bonito, cara.

– Você vai casar com minha irmã – disse ele, passando por mim. – Por favor, não dê em cima de mim hoje.

Rindo, virei-me para o espelho para apertar a gravata borboleta. – Casar – ele repetiu, deixando escapar um assobio.

– Eu sei.

Hanna ia ser minha esposa. Eu ia apresentá-la deste jeito:

*Esta é minha esposa.*

Eu não conseguia parar de repetir a palavra na minha cabeça. *Esposa*. A sensação era boa. Parecia concreto. Fez com que eu quisesse subir em cima dela e repetir a palavra “esposa” sem parar em seu ouvido, tatuando-a em seus pensamentos.

*Você é minha esposa, Ameixa.*

Jensen sacudiu-me desse fluxo de pensamentos quando me deu um tapinha no ombro.

– Casado, Will.

Olhei-o, repetindo com um sorriso curioso.

– Eu sei, Jensen.

– Com minha irmãzinha. – Seus olhos se estreitaram enquanto ele apontava o dedo do meio, ameaçador, para mim. – É estranho, não é?

Já havíamos tido essa conversa antes, durante um jantar, depois que Jensen nos pegou de surpresa uma vez: eu embaixo do balcão, Hanna inclinada sobre mim, com o velho vestido de formatura enrolado na cintura enquanto eu a chupava. Por sorte, Jensen não viu muita coisa... Mas com certeza viu o suficiente para deduzir o que estava acontecendo. Bem ao estilo de Hanna, ela não tirou o vestido, calçou o tênis e fez com que a levássemos para comer num restaurante vietnamita, para acabar com qualquer tipo de constrangimento. Jensen tinha se mostrado surpreendentemente inabalável até o meio do jantar, quando deixou cair os pauzinhos com um barulho discreto na tigela e anunciou:

– Caralho. *Você vai ser meu cunhado!*

Hanna e eu sabíamos que íamos nos casar um dia, mas ainda não estávamos prontos para isso. Naquela época, demos risada. Mas certamente estamos prontos *agora*.

Jensen foi até uma das poltronas de couro perto da janela e se sentou.

– Você já tinha imaginado esse dia? O dia do seu casamento, você se aprontando junto a mim, ela lá no salão se aprontando com a “matilha”?

Encolhi os ombros.

– Eu sabia que ia encontrar a mulher certa para mim, ou então não me casaria. Acho que não tinha pensado muito nisso. – Levantei o queixo, inspecionando minha gravata no reflexo. – Agora parece impossível que em algum universo paralelo eu não me encontrasse com Hanna. E se ela nunca me ligasse? E se eu nunca tivesse ido correr naquela manhã? – Virando-me para encará-lo, pisquei. – Deus, isso é aterrador.

Ele podia ter me provocado por causa dessa visão sentimental rara, mas não o fez.

– Posso garantir que não era *exatamente* isso que eu tinha em mente quando sugeri que ela ligasse para sair com você – disse ele, passando o dedo pela sobrancelha. – Mas aqui estamos. Da próxima vez que a vir, ela estará subindo ao altar.

Olhei para ele, depois de, nos últimos dias, pensar várias vezes em como ele se sentia com o evento. Hanna e eu nos casaríamos no mesmo jardim privado onde Jensen tinha se casado com sua namorada da faculdade. E onde a irmã mais velha de Hanna tinha se casado com seu marido, Rob. Infelizmente, o casamento de Jensen com aquela que fora sua namorada por nove anos tinha durado apenas dois meses.

Jensen interrompeu meus pensamentos antes que eu pudesse pensar no que dizer.

– Você está imaginando como é que vai ser? – ele indagou.

– É claro. Estou me perguntando se ela não vai tropeçar antes de chegar ao altar ou parar no meio do caminho para abraçar alguém que não vê há anos. Hanna *sempre* me surpreende.

– Ou se ela vai desistir de andar e começar a correr na sua direção. – Ele riu baixo. – E nunca vai deixar de ser estranho você chamá-la de Hanna.

– Não consigo me imaginar chamando-a de Ziggy – admiti, sentindo um arrepio. – Parece muito perverso.

– Porque é – disse ele. – Você tinha dezessete quando ela tinha dez. Quando minha irmãzinha tinha dez, você estava dormindo com a mãe de um de seus colegas de banda.

Dei um olhar enojado para ele.

– Está tentando me fazer passar mal?

– Estou – ele riu, levantando-se para me dar outro tapinha no ombro, no exato momento em que Bennet e Max batiam à porta do quarto.



## *Dois*

Dei um passo para trás e olhei meu reflexo no espelho.

– Isso... é branco demais – murmurei, alisando a saia do vestido. Atrás de mim, mamãe e Liv suspiravam emocionadas.

– Vocês têm certeza de que eu não deveria ter escolhido azul? Vermelho? Alguma coisa que transmitisse a mensagem “eu trepo com esse homem todo dia” em vez de “virgem”.

Mamãe disse meu nome em voz baixa.

– O quê? Ninguém lá embaixo vai ver Will de smoking e acreditar que eu não fiz de tudo com... – parei no meio da frase ao ver o rosto de Chloe atrás de mim.

– Você está... Ah, meu Deus, Chloe. Você... você está *chorando*?

Chloe alcançou uma caixa de lenços de papel – uma das muitas espalhadas pela espaçosa suíte de núpcias – e puxou um deles, batendo-o de leve debaixo de seus olhos perfeitamente delineados.

– Não – ela ironizou. – Está empoeirado aqui.

Liv fez uma pausa, com o modelador de cachos no ar, e olhou por cima do ombro.

– Sei que sou novata aqui, mas algo me diz que isso não é normal – ela sussurrou.

Tive de segurar a risada. Minha irmã só tinha visto Chloe em duas outras ocasiões breves e já tinha percebido que, tratando-se da senhora Ryan, chorar de alegria não era normal.

– Bem, isso não é verdade – disse George para Liv, gesticulando para ela se afastar enquanto separava alguns dos cachos que tinha acabado de fazer no meu cabelo. – Podemos sair para ver o filme mais emotivo do mundo, que ela sai com os olhos sequinhos. Mas, quando o salto do seu Prada vermelho quebrou ao atravessar a 7th Avenue, foi um verdadeiro chafariz.

Chloe riu, batendo no braço dele.

– Eu não o demiti hoje de manhã?

– Duas vezes – respondi por ele. – Você o demitiu em nome de Sara, no elevador, quando ele se referiu a você como “Amante das Trevas” na frente daquele padre, e uma segunda vez quando ele se ofereceu para ajudar Jensen a se aprontar mais tarde.

Mamãe deixou escapar um gritinho de surpresa.

– Sempre tão prestativa, Hanna, obrigado – disse George, puxando um pouco forte demais um cacho do meu cabelo. – Em minha defesa, ele parecia muito ocupado. Eu só estava tentando ser eficiente. Mas só uma observação: eu deveria ter sido alertado de que o irmão de Hanna era tão adorável, porque... realmente! Alto, escandinavo e solteiro? Acho que fui o injustiçado aqui.

Liv se inclinou, e nossos olhos se cruzaram no espelho.

– Seus amigos são estranhos – disse ela.

– Se por estranhos você quer dizer incríveis, então são mesmo – eu disse e sorri para ela antes de olhar para Chloe. – Eu amo o fato de você ficar emocionada no meu casamento, viu. É como se eu tivesse conquistado algo na vida.

Chloe secou os olhos e assoou o nariz no lenço de papel.

– Deus, que diabos há de errado comigo? Isso tudo é tão... romântico.

– Será que Bennett finalmente... derreteu seu coração? – George perguntou com um tom dramático.

– Vou te dar uma martelada – ela disse, encarando-o. – Até mesmo nesse terno chique.

– Isso é incrível para mim! – disse Sara, que apareceu atrás de Chloe e a abraçou. – Normalmente sou eu que choro.

– Porque você está sempre grávida – Chloe disse, virando-se para acariciar a barriga enorme e redonda de Sara, carregando a Bebê Stella Número Dois.

– Com certeza é assim que me sinto. – Sara deu um beijo no rosto de Chloe. – Mas veja... – Ela levantou o queixo e olhou para mim pelo espelho: – Você distraiu Hanna, ela não está mais nervosa.

– Que motivo ela poderia ter neste mundo para ficar nervosa? – perguntou Liv, puxando um grampo da minha mão e entregando-o a George para colocar no meu cabelo. – Você e Will são atenciosos, inteligentes e responsáveis. Serão *ótimos* como marido e mulher.

Nossos olhos se encontraram e, quando ela sorriu para mim, tive que morder o lábio para não chorar também.

– Se algum homem um dia me olhar do jeito que Will olha para você – acrescentou George –, eu pediria para ele se casar e ter filhos comigo na mesma hora. Will mal pode esperar por esse casamento. Estou surpreso que ele não a convenceu a fugir para Vegas até hoje.

Liv olhou para ele por cima da minha cabeça.

– Eu não estou. Se ele tivesse sugerido isso, nossa mãe teria cortado as partes dele de que mais gosto.

Juntos, viramo-nos para olhar mamãe, que estava parada em silêncio perto da janela, do outro lado do quarto, assistindo a toda a conversa. Ela concordou de forma decisiva e praticamente explodi de rir.

George levantou a mão com autoridade e disse:

– Ai de mim, acho que não posso deixar isso acontecer. Concordei em deixar Hanna se casar com o homem dos nossos sonhos hoje, desde que ela me conte todos os detalhes íntimos. Nós *precisamos* saber dessas partes.

*Eu vou me casar hoje. Euzinha* – pensei.

Quase me belisquei, mas, se isso fosse um sonho, eu jamais ia querer acordar.

Olhei para a porta, na direção do quarto de Will, e senti o mesmo aperto no peito da noite passada.

– Ainda é surpresa para onde vocês vão nessa noite? – perguntou Sara.

– Sim. Você sabe? – Olhei para ela com ansiedade, mas Sara só sacudiu a cabeça.

– Ah, não – disse ela, sorrindo –, e mesmo que soubesse, você não tiraria essa informação de mim. Mas eu não sei. Não foi você quem pediu a ele para surpreendê-la?

– Sim, mas... No fim das contas, a ideia da surpresa é muito melhor do que ficar esperando – admiti. Organizar o casamento tinha sido relativamente fácil; mas a lua de mel foi um verdadeiro balde de água fria. Tínhamos planejado tudo: uma semana numa casa linda no Maine, sem nenhuma roupa para passar todos aqueles dias. Mas, daí, surgiram algumas entrevistas que eu achei que eram improváveis de acontecer e, quando me dei conta, eu tinha entrevistas marcadas por todo o país e nenhuma ideia de onde eu queria estar de verdade. Depois de várias discussões e centenas de conflitos de agenda, decidimos postergar a lua de mel. Minha próxima entrevista seria em dois dias; então aproveitaríamos ao máximo a noite do casamento em algum lugar próximo e voltaríamos para casa na manhã seguinte.

Eu não tinha problemas com isso. Daríamos um passo de cada vez – uma entrevista por vez – e tudo daria certo. Emprego novo, cidade nova, casamento novo. Eu só precisava respirar. Will e eu estaríamos juntos. Mas o “onde” e o “como” eram detalhes com os quais uma outra Hanna poderia se preocupar depois.

Eu estava prestes a me casar com o homem dos meus sonhos. Todo o resto se encaixaria no seu devido lugar.



Um casamento.

Uma noiva tagarela e nervosa. Um noivo sorridente e com lágrimas nos olhos.

Duas alianças de platina nos dedos.

Um *monte* de amigos bêbados.

E estávamos casados!

Do jeito que eu tinha imaginado, o casamento e a recepção foram praticamente uma grande névoa. Fiquei feliz pelos cliques constantes das câmeras, porque precisaria daquelas fotos para me lembrar de tudo o que aconteceu enquanto eu andava até o altar, na direção de Will, com o coração tentando passar pela boca e sair do meu corpo para encontrar o dele. Mal notei as flores ou a festa de casamento, ou os convidados. Mal percebi que era um dia perfeito de outono e que as folhas estavam vibrando nas árvores da forma mais idílica imaginável. Mal senti a pressão dos lábios do meu pai no meu rosto quando ele entregou minha mão à de Will.

Tudo o que vi foram os olhos azuis intensos de Will e a alegria que irradiava deles enquanto desciam até o decote cavado do meu vestido. Tudo o que ouvi foi o som grave e reverente da voz dele quando repetiu os votos de me respeitar, cuidar de mim e me amar pelo resto de nossa vida. E tudo o que senti foi o contraste entre o metal frio e a pele quente quando ele colocou a aliança no meu dedo.

Foi tudo o que eu consegui assimilar... Quer dizer, até ele me beijar. Porque o beijo apagou tudo o que tinha acontecido antes.

*Agora você pode beijar a noiva.*

O mundo se desfez. De verdade. Éramos somente nós dois naquele ponto minúsculo da Terra, parados em silêncio e olhando um para o outro, na iminência de selar o compromisso que fizemos.

Eu não parava de sorrir.

Suas mãos tocaram meu rosto, e ele deixou escapar um sorriso silencioso e emocionado. Nos olhos dele, pude ver o filme de cada memória que construímos juntos: nossa primeira corrida, nosso primeiro beijo, a primeira vez que fizemos amor, nossa primeira briga, o fim de semana em que ele me pediu em casamento – duas vezes – e cada momento de riso e silêncio entre nós até ali.

Então meu marido se inclinou e cobriu meus lábios com os dele. Eu devia saber que ele não me daria um selinho. O beijo continuou, e continuou, até os gritos de protesto dos nossos amigos ficarem mais fortes. Mas, apesar da alegria compartilhada, eu podia ter largado a festa inteira ali mesmo. Eu podia ter levado Will pela mão e puxado-o para dentro de um *closet* e o beijado por dias,

para, por horas a fio, selar a promessa mais importante de nossa vida.

Depois do “sim”, saímos no jardim de árvores altas e luzes brilhantes ao som dos aplausos de nossos parentes e amigos. Minhas bochechas doíam de tanto sorrir e apertei mais forte a mão de Will, porque ele era a única coisa que me ancorava ao chão. Sem o toque firme dele, tinha certeza de que sairia flutuando e desapareceria no céu noturno como um balão.

Fiquei contente de ter ouvido um conselho que me lembrava de que, dali a vinte anos, eu só me lembraria dele. Porque era verdade: seus olhos mal desgrudaram de mim a noite inteira, e quando o fizeram, foi porque ele me puxou para perto e suas mãos assumiram o controle, passeando carinhosas pelos meus braços, minhas costas, minha cintura. A recepção inteira pareceu uma longa e interminável sessão de preliminares e, quando joguei o buquê, estava praticamente vibrando por poder ficar sozinha com Will.

Foi só quando estávamos na limusine, a caminho do destino surpresa da nossa noite de núpcias, que tivemos um momento para respirar.

– Mal posso acreditar que consegui sobreviver à coisa toda sem estragar nada – eu disse. Eu estava sorrindo sem parar fazia horas. Minhas bochechas doíam e meu coração acelerado me deixava com uma sensação constante de euforia no peito.

– Não sei sobre a coisa toda – Will provocou, escapando com facilidade de um tapinha no braço. – Estou brincando. – Com um dedo sob meu queixo, ele levantou meu rosto. – Eu não disse que tudo seria perfeito?

– Você disse – falei, esticando-me para beliscar seu rosto. – Aparentemente, grandes eventos sociais nos quais eu sou o centro das atenções me deixam um pouco estressada. Quem imaginaria isso?

Ele riu.

– Ei, sabe o quê?

– O quê?

– Você é o meu favorito.

Ele demonstrou seu sentimento com um beijo nos meus lábios, e um beijo se transformou em outro e mais outro até que ouvimos o motorista tossindo seco no banco da frente. Com uma risada envergonhada, afastei-me um pouco de Will. Eu não ia ceder à tentação no banco de trás do carro, a caminho do hotel; eu teria a noite inteira com ele. E planejava desfrutar cada momento.

– Você notou quanto champanhe Jensen bebeu? – perguntei.

Meu irmão mais novo pode ter aquele ar de Irmão Responsável, mas já tinha tocado numa banda com Will, afinal de contas. Eu tinha certeza de que Jensen não era tão inocente quanto dizia ser.

– Eu o vi falando com aquela ruiva que trabalha no seu laboratório –

concordou Will. – Acho que vai ser difícil ele encontrar o caminho de casa sozinho. – Will se inclinou e me beijou no rosto, no queixo e depois no pescoço. – Talvez eu não seja o único sortudo desta noite.

Fiz uma careta.

– Vou fingir que você não acabou de fazer uma referência ao meu irmão dormir com alguém na noite do meu casamento. – Will deu risada no meu pescoço, deixando-me inteira arrepiada com seu hálito quente. – Nós dois sabemos que meu irmão não faz sexo, porque, você sabe, é nojento – acrescentei, tentando conter minha tagarelice ansiosa. – Por que você não começa a falar sobre como meu pai estava todo pegajoso com minha mãe hoje à noite?

Will recuou e olhou para mim, achando graça.

– Quanto champanhe você bebeu hoje à noite? – ele perguntou, agarrando meus quadris. – Bom, você não está dormindo no chão, então acho que não foi muito.

– Liv me interrompeu depois de meio copo. Ela disse que era o presente dela para você e que você podia agradecê-la no Natal.

Will riu e nós dois olhamos pela janela quando o carro desacelerou e reduziu até parar suavemente. Ele deslizou para o outro lado do banco e me olhou com um sorriso.

– Você está pronta? – ele perguntou, e imaginei se essas três palavras já tinham tido tanto significado.

Se eu estava pronta? Nem em um milhão de anos! Eu mal estava preparada para dar conta de Will Sumner num dia normal, imagine então num quarto de hotel, de smoking, na noite do nosso casamento, e com aquele olhar...

Era um olhar que sugeria que eu era uma presa. Um olhar que me dizia que eu não tinha nenhuma chance. A porta se abriu, e Will saiu, virando-se rapidamente para me dar a mão. Eu o segui e fui imediatamente recebida pela vista e pelos sons do porto de Rows Wharf e da cidade de Boston, um pouco mais além.

– Então foi isso que você esteve planejando? – eu disse enquanto admirava os barcos balançando suavemente no píer, ao brilho do prédio todo iluminado à nossa frente. – Você guardou o segredo deste lugar para mim, seu danadinho.

Ele sorriu.

– Você me pediu para surpreendê-la.

– Como é que... – comecei a falar, mas só balancei a cabeça, tomada por uma onda de nostalgia tão grande que me deixou sem palavras. Eu tinha estado no Boston Harbor Hotel quando era criança e sempre quis voltar, mas não fazia ideia de como ele sabia disso. – Minha mãe falou para você sobre esse lugar?

– Bom, ela me ajudou a organizar um pouco as coisas, mas não, ela não disse

nada. Você me falou – ele disse, colocando a mão na minha cintura e me acompanhando até a entrada.

– Eu digo umas trezentas coisas aleatórias para você por dia. Não fazia ideia de que conseguisse se lembrar nem mesmo de uma fração delas.

Nossas malas tinham sido enviadas mais cedo para o hotel, então, depois que pegamos as chaves, fomos direto para o elevador.

Depois de pressionar o botão, Will se inclinou para dar um beijo demorado em meu rosto.

– Seu pai a trouxe aqui para o chá da tarde quando você tinha oito anos, e sua mãe a fez usar um vestido terrível e meias-calças que ficavam – se eu me lembro bem dos seus “hannaísmos” – *raspando nas suas partes delicadas*? Pode ser que eu esteja parafraseando, é claro.

Dei risada ao lembrar.

– Eu odiava aquele vestido. Era da Liv, e o zíper estava todo emperrado e enroscava no meu cabelo. – Ele balançou a cabeça devagar, mostrando que se lembrava de tudo isso... e eu esquentei por dentro. – Havia pétalas de rosa na toalha de mesa.

– Rosas cor-de-rosa – ele acrescentou, desenhando círculos lentos nas minhas costas com a palma da mão.

Eu assenti, com os olhos fixos nos dele antes de admirar sua boca maravilhosa. Eu queria beijar aquela boca, sentir o gosto da sua saliva, esticar-me numa cama gigante enquanto ele *me* saboreava. Tínhamos feito amor na noite passada e ainda assim parecia que fazia muito tempo.

– Sinto que quase não consegui falar com você hoje – sussurrei. – Não é estranho? Foi o nosso casamento, ficamos do lado um do outro a noite toda, e mesmo assim parece que passamos a maior parte do dia falando com outras pessoas.

– Eu sinto a mesma coisa – disse ele, e sua voz grave vibrou na minha espinha. – Entre os convidados e as fotos, sua família, minha família, e todos os caras roubando você para dançar... Eu só fiquei olhando para você a noite toda.

Eu o puxei para outro beijo e senti-o gemer baixo na minha boca.

– Quer ficar sozinho comigo agora? – perguntei. – Quero te mostrar o quanto gostei da surpresa.

– Estou um pouco dividido entre querer te olhar nesse vestido mais um tempo e querer arrancá-lo de você.

As portas do elevador se abriram e entramos. Fomos para o fundo, para dar lugar a algumas outras pessoas, que sorriram para nós e murmuraram congratulações.

Cada vez que eu me lembrava de que Will era meu *marido* agora, bombas

minúsculas explodiam em meu peito.

Pressionei meu rosto contra seu ombro, sentindo seu cheiro enquanto o elevador começava a subir. Ele cheirava tão bem, o aroma de orquídeas que havia enchido o salão de festas se impregnara nele. Fiquei um pouco zonha por um segundo. O nervosismo e a excitação tinham passado, e o *desejo* puro e simples corria pelas minhas veias.

Dei uma olhada rápida para me certificar de que ninguém estava prestando atenção, então fiquei na ponta dos pés para poder sussurrar no ouvido dele.

– Sei que vamos para casa cedo amanhã – eu disse, já temendo o alarme que soaria às oito da manhã para nos levar ao aeroporto. – Então precisamos aproveitar ao máximo o nosso tempo. Na cama, no chão, no sofá... Quero que me possua em todos os lugares. – Fiz uma pausa e acrescentei, ainda mais baixinho: – Quero *sentir* você em todos os lugares.

Will se endireitou com uma inspiração rápida e olhou em volta.

– Jesus... Hanna.

– O quê? Estou sussurrando...

Will se segurou para não rir.

– Você por acaso já se ouviu sussurrando? Parece um sussurro de palco, só para efeito cômico, feito para até a última fileira ouvir.

Balancei a cabeça.

– De jeito nenhum – eu disse, apontei para o peito e acrescentei: – É muito sutil.

A risada de Will foi interrompida quando as portas se abriram no segundo andar e todos foram para a esquerda para um casal idoso sair. Eu odiava admitir, mas, a julgar pelos olhares enviesados que todos nos deram, Will estava certo. Eles tinham ouvido tudo.

Quando começamos a subir de novo, Will se inclinou e encostou a boca no meu ouvido.

– Mas, honestamente, gosto muito da ideia.

– Tenho uma lista e quero ter certeza de que vamos fazer tudo.

– Você tem uma *lista*?

Olhei para ele, piscando, e disse:

– Você não?

– Hanna – disse ele, rindo. – Você é incrível!

Uma campainha indicou que tínhamos chegado ao nosso andar e as portas se abriram. Mal dei um passo para fora do elevador quando ele me agarrou, carregando-me em seus braços e rindo enquanto o meu gritinho de surpresa reverberava pelo corredor vazio.

– Você está me carregando?



– Estou carregando você.

Passei os braços em volta de seu pescoço.

– Achei que você não era muito fã de tradições.

Pude ouvir os passos dele no carpete, mas não conseguia tirar os olhos de seu rosto. Eu estava fascinada com sua boca e seus cílios e com a facilidade com que meus dedos corriam pelos seus cabelos.

– Algumas tradições devem ser baseadas em pesquisa – disse ele, sorrindo para mim. – Todo mundo que já fez isso antes de mim com certeza descobriu como a sensação é heroica.

Virei para ele e disse:

– Eu não sou baixinha, e esse vestido tem cerca de vinte quilos de pedras. Olhe só para você: nem ficou sem fôlego. Estou impressionada!

Encolhendo os ombros, comigo nos braços, ele acrescentou em voz baixa:

– Além disso, seus peitos estão lindos apertados assim. Nós dois saímos ganhando.

Soltei uma risada, surpresa.

– Ah, essa é a verdade, então.

Will parou diante do quarto e, de algum jeito, conseguiu passar o cartão e girar a maçaneta, de forma que a porta se abrisse à nossa frente.

– Bem, senhora Sumner-Bergstrom, aqui estamos. – Ele fez uma pausa e deu um beijo suave na minha boca para marcar aquele momento; em seguida, me carregou para dentro.

Então me dei conta de novo: estávamos casados. Will era meu marido – *meu marido*.

Nos últimos três meses, não importava o quanto nossa vida estivesse atribulada – no trabalho, em casa, com amigos –, mas sempre alguma questão relacionada ao casamento acabava entrando em todas as conversas. Fiquei feliz de seguir o conselho de todos e pensar que aquele seria apenas mais um dia, e boa parte dele passaria como uma névoa. Eu não me lembrava muito das flores ou dos lugares dos convidados no salão nem mesmo quando foi que conseguimos comer. Mas me recordava do rosto de Will quando o vi pela primeira vez no altar, esperando por mim. Lembrava-me de como ele parecia estar feliz enquanto me viu caminhar em sua direção, de como a vergonha que eu tinha sentido pelo meu vestido e pelos meus peitos, ou por estar na frente de toda aquela gente, tinha simplesmente desaparecido quando vi seus olhos percorrendo todo o meu corpo. Eu teria corrido nua até o altar se ele tivesse me pedido. A voz dele estremeceu quando declarou os votos, e nunca vou me esquecer das lágrimas em seus olhos quando disse *sim*.

– Estou pronta para fazer sexo agora – disse a ele, sem querer esperar nem um

minuto.

Will sorriu e balançou a cabeça, dando os últimos passos que nos levariam ao quarto da suíte máster.

– A vida nunca será chata com você por perto, Ameixa.

Eu tinha certeza de que nosso quarto era maravilhoso – carpete felpudo, janelas largas e móveis elegantes, assim como o restante do hotel –, mas não vi nada, não conseguia tirar os lábios do pescoço de Will enquanto ele me deitava na cama, amarrotando o vestido entre nós dois.

Will estendeu a mão e acendeu um abajur de cristal ao lado da cama, e lá estava ele, pairando sobre mim.

– Eu te amo – sussurrei.

– Eu também te amo.

Eu estava tão ansiosa para essa noite de núpcias... mas ele não se movia. Esperei, virei para o lado e olhei para ele de novo. – Está tudo bem?

– Tudo está absolutamente perfeito.

Outro momento se passou. Admirei seu sorriso suave, a forma como seus olhos passavam por cada parte de meu rosto antes de focar em minha boca. – Então... o que você está fazendo?

– Olhando para você. Olhando para a minha *esposa*.

– Isso não chega nem perto de fazermos sexo.

Will riu e balançou a cabeça.

– Nós estamos *casados*, Hanna – disse ele, e pareceu que ainda estava se maravilhando com aquilo também.

– Então, eu estava me perguntando o que você está fazendo nesse smoking. – Enrolei meus dedos em sua gravata e puxei, trazendo-o para perto de mim. – A menos que você seja um homem muito, muito elegante. Mas daí você tem essa aliança no dedo também...

– Quero ser carinhoso com você – ele disse e segurou meu ombro com a palma da mão, deslizando-a para os meus seios. Pude sentir o peso, a pressão de seu toque através das camadas finas de tecido. Apesar da suavidade em sua voz, ela gritava de luxúria, querendo me possuir. – *Sinto* que devo ser carinhoso hoje à noite.

A luz delicada lançava sombras em seu rosto e puxei sua gravata novamente, parando quando sua boca encostou-se à minha.

– Você é sempre carinhoso comigo, Will. Você me faz sentir amada, respeitada e adorada todos os dias. Eu amo esse seu lado.

Pude perceber em sua voz, mesmo no escuro, que o sorriso dele havia se alargado.

– Estou sentindo um grande “mas” vindo aí, Ameixa.

– Mas temos só *oito horas* e depois precisamos acordar.

Suas sobrancelhas se ergueram de surpresa.

– Oito horas *inteiras* – ele disse.

– Isso mesmo. Então você pode ser carinhoso na segunda vez.

Era tudo o que ele precisava ouvir. Ver Will perder o comedimento foi como ver um fusível queimar. Ele se inclinou para a frente, e o pouco espaço que nos separava desapareceu de repente. O calor de seu corpo se irradiou pelo meu, e gemi, puxando seu paletó.

– Tire – murmurei entre os beijos, o sabor de sua língua e a mordida incisiva de seus dentes – a roupa! – Puxei a gravata e a camisa, enroscando os dedos nos botões à procura de sua pele.

Will concordou, ajudou-me a tirar a camisa e depois me colocou sentada o suficiente para abrir o zíper do meu vestido e puxá-lo para baixo. Eu queria pedir para ele ter cuidado, lembrá-lo de quantas horas passei procurando aquele vestido com minha mãe, de que o tecido era muito delicado e que podia rasgar facilmente. Mas nunca me importei tão pouco com as roupas em toda minha vida. De repente, eu estava fora de mim, como quando a faculdade e o trabalho exigiam demais e eu sentia que meus músculos iam explodir se não saísse e corresse, se não me *mexesse*.

Foi necessário um pouco de contorcionismo de nossa parte, mas com um puxão final Will conseguiu passar o vestido pelos meus quadris e pelas minhas pernas. Saltei sobre os joelhos, procurando com os lábios a sua pele e tentando, com mãos vorazes, puxá-lo de volta para mim.

– Eu te amo tanto – eu disse entre beijos. – Foi tão perfeita esta noite... Tudo isso... Você...

Pude sentir seu sorriso contra os meus lábios, nosso beijo desajeitado com os dentes à mostra e palavras sussurradas de tanta felicidade por estarmos finalmente ali, juntos.

– Você não faz ideia do quanto esperei por isso – ele disse, segurando meu rosto suavemente com as mãos.

– Desde a noite em que você foi ao meu apartamento? – eu perguntei, mas ele já estava balançando a cabeça.

– Antes disso. Talvez desde aquele dia na trilha? Com o moletom largo do seu irmão e...

– E aquele sutiã horrível? – eu disse, rindo com o rosto colado ao dele. – Sempre vou rir do fato de você ter feito Chloe me levar às compras. Você deve ter ficado horrorizado.

– Você tinha que ficar segurando os peitos e isso me deixou muito triste por eles. Eu queria me oferecer para segurá-los para você, oferecer o meu suporte,

pedir desculpas por você ter sido tão malvada com eles – disse ele, passando o polegar no meu mamilo.

– Deus, eu teria perdido a cabeça! – exclamei, e minha risada se transformou num gemido suave enquanto ele aumentava a pressão. Veio um beijo, depois outro, um em cada canto da boca antes que ele inclinasse minha cabeça, com o polegar em meu queixo.

Ele desceu pelo meu corpo e o ouvi dizer um palavrão quando percebeu o que eu estava vestindo, enquanto seu dedo subia para tocar a renda delicada que mal cobria meus peitos.

– Chloe – expliquei, sem precisar dizer mais nada.

Ele engoliu seco e limpou a testa com o braço; então respirou longa e profundamente, sem que seus olhos desgrudassem dos meus peitos, apertados sob o tecido sedoso.

– Lembre-me disso quando for aniversário dela – ele falou.

– Estou basicamente me derramando para fora dele – afirmei.

– Esse é o ponto – disse ele, deitando-me com delicadeza e pressionando meu corpo contra a cama. Minhas pernas se abriram e ele ficou de joelhos, com os quadris entre minhas coxas e sua silhueta enquadrada pelas janelas amplas. Eu o observei, encantada mais uma vez com o fato de ele ser bem maior do que eu e pela forma como seus ombros largos e costas amplas eram suficientes para encobrir as luzes da cidade atrás dele.

Estendi as mãos, sentindo sua forma ainda dentro das calças, e o apertei, com um pouco de força, do jeito que ele gostava.

Com um gemido, ele baixou a cabeça e se inclinou para me dar um beijo de tirar o fôlego. O teto ficou borrado e fechei os olhos, perdida na sensação de sua boca e seus dentes, no arranhar do seu queixo, na pressão de seus dedos abrindo caminho dentro de meu corpo.

Suspirei, fazendo um arco com as costas na cama e passando as unhas por seu ombro e suas costas, com a medida certa de força. Não tinha certeza se ele já estava preparado. Will gostava quando doía de vez em quando, ele pedia por isso. Era o tipo de coisa que o levava ao clímax quando estava tão perto que mal conseguia respirar ou pensar, ou mesmo dizer o que queria. Ele só sabia que queria *mais*.

Will deve ter percebido a dúvida em meus olhos, porque engoliu em seco e respirou trêmulo.

– Faça doer – ele pediu.

Enrolei meus dedos em seus cabelos de um jeito desesperado e profundo, e rude o suficiente para fazer com que seus quadris se lançassem para a frente, de surpresa.

Fiz Will rolar e ficar de costas para a cama e levantei minha perna para cavalgar em cima dele. Na luz suave, notei a surpresa em seu rosto e a forma como ele mordeu o lábio inferior quando tirei o sutiã.

O ar fresco envolveu os meus seios, e meus mamilos ficaram duros. Will se livrou das calças e puxou minha calcinha para baixo, tirando-a. Sua pele estava quente debaixo de mim, suas coxas firmes e cobertas de pelos macios. Seu pau duro estava deitado sobre a barriga.

Fiquei de joelhos e o posicionei onde eu queria, esfregando-o em mim, provocando-o.

– Você quer isso? – perguntei.

Ele fez que sim com a cabeça no travesseiro, agarrando meus quadris com os dedos. Abaixei-me bem

devagar

devagar

até que ele entrou inteiro dentro de mim.

Will gemia sem se conter, metendo fundo enquanto eu rebojava em cima dele. Ele estendeu as mãos e agarrou meus peitos, levantando-os e espremendo-os; então, se levantou e colocou meu mamilo na boca.

– Will...

Ele gemeu enquanto me chupava mais forte e depois soltava, desenhando com a língua círculos em volta do bico. Ele estava tão fundo dentro de mim, que eu não pensava em mais nada além de sentir sua pele e ouvir sua voz. Sua barriga molhada de suor encostava na minha; suas coxas firmes encostavam na minha bunda. Seus dedos me faziam subir e descer, e escorregaram quando ele me segurou mais forte, tentando mexer mais rápido.

Com um gemido, ele nos virou e me jogou de costas na cama. De cabeça baixa e os cabelos caindo sobre a testa, ele olhava enquanto se mexia dentro de mim, para dentro e para fora. Mais forte. Mais rápido.

Uma eternidade, mas nunca o suficiente.

– Caralho, Ameixa! – ele exclamou e me beijou até ficar insuportável e meus lábios ficarem quase em carne viva. Com uma mão, ele levantou minha perna e empurrou-a contra o meu peito.

– Que tesão! – ele gemeu, movendo-se como um pistão, ainda mais rápido, cada estocada pressionando algo dentro de mim que me fazia ver estrelas.

Estendi os braços e agarrei a cabeceira da cama; precisava me segurar em algo... Cada movimento de seus quadris me empurrava mais para cima no colchão e mais para o fundo daquele lugar na minha mente onde só havia

estática. A tensão crescente na parte de baixo do meu ventre, a fricção e o calor entre as minhas pernas ficaram impossíveis de ignorar.

– Will... – sussurrei e respirei em sua boca aberta. Eu ia gozar, e queria gozar junto a ele. Queria *senti-lo* gozar dentro de mim, nos meus peitos, na minha barriga, na minha boca.

Will segurou na extremidade do colchão e empurrou minha perna ainda mais para cima. O calor explodiu entre minhas pernas e ricocheteou em cada parte do meu corpo. Meus pés se contraíram. Eu gozava tão forte que mal conseguia gritar ou dizer seu nome. Ele meteu dentro de mim mais uma vez, tão fundo que fiquei sem ar e pude sentir seus músculos tensos quando gozou dentro de mim.

Will caiu de costas na cama e me puxou para junto dele, aninhando-me ao seu lado.

– Meu Deus!

Olhei para o teto e pisquei algumas vezes, esperando minha respiração voltar ao normal. Meus ossos pareciam de borracha; o ar esfriava minha pele febril. Olhei para Will e alcancei o relógio do lado da cama. Ainda temos seis horas e vinte e dois minutos. Nada mal.

Sentei-me na cama, peguei a garrafa de água gelada que estava no criado-mudo e enchi dois copos. Esvaziei o meu lentamente e me sentei em cima de Will.

Seus olhos se voltaram para o meu corpo nu e ele pegou o outro copo da minha mão. Eu o observei enquanto bebia, maravilhada com sua garganta ao engolir, seu peito nu, seu cabelo desgrehado. Aquele corpo era meu... Quando ele terminou, guardei o copo vazio e o empurrei de volta no travesseiro.

– Agora – falei, levantando uma sobrancelha –, quanto àquela lista...

# Três

– Você tem certeza de que não se importa em adiar a lua de mel? – No sofá, ao meu lado, Hanna virou o rosto para mim, piscando com o sol do fim da tarde que penetrava pela janela da sala. – Você não acha que pode ser um pouco... brochante?

Um casamento frenético, uma noite de núpcias insone, mais uma entrevista riscada da lista, e lá estávamos nós: uma semana depois, já de volta ao nosso apartamento, de volta à nossa vida cotidiana.

Havia algo de reconfortante em dar aquele passo monumental e voltar imediatamente ao nosso ritmo de vida. Isso reafirmava o que eu dissera a Hanna o tempo todo: o “nós” por trás de tudo aquilo não precisava mudar. Podíamos ser exatamente quem éramos antes. Pessoas casadas definitivamente ficavam de cuecas, curtindo a preguiça numa tarde de sábado.

– Não ligo de esperar. – Beije o nariz dela e a puxei para perto. – Desde que não marque mais nenhuma entrevista de trabalho nesse meio-tempo.

Nossa nova viagem de lua de mel já estava marcada para pouco mais de um mês depois do casamento – no fim de outubro –, sem entrevistas de trabalho na semana anterior para dar tempo de fazer as malas, terminar algum trabalho importante no laboratório e fazer reuniões inadiáveis. Eu queria o máximo de tempo possível com Hanna.

Percebi que ela hesitou um pouco, retraindo-se.

– Hanna?

– Nem mesmo para a Caltech? – ela perguntou com jeitinho.

Que sentimento estranho: eu estava cansado daquilo, querendo bufar quando minha mulher – caramba, minha mulher – recebia um convite de entrevista para a C-a-l-t-e-c-h!

– E quando seria isso? – perguntei.

– No fim de outubro... Ainda teríamos uns dias para nos preparar para a viagem. – O sorriso dela foi tão doce, tão esperançoso e genuíno, como eu

poderia dizer não?

Como eu poderia, de qualquer forma? Era a carreira dela, o sonho dela. Hanna estava sendo disputada por instituições acadêmicas do mundo inteiro. Suas primeiras entrevistas haviam sido em universidades próximas: Princeton, Harvard, MIT, Johns Hopkins. Mas então os convites se espalharam: Cal, em Stanford, Max Plank, na Alemanha, Oxford, na Inglaterra, e agora a Caltech.

O problema era que ainda não tínhamos conversado sobre como seria se ela quisesse se mudar. Estávamos em modo de espera, presos numa conversa em pausa.

Respondi com mais um beijo em seu nariz.

– Isso significa que sim? – ela perguntou, estudando-me com um sorrisinho.

– Significa que nunca vou dizer não para você, Ameixa. Acho que deve visitar todas as universidades nas quais gostaria de trabalhar. – Beijando sua boca, perguntei: – Você acha que tem alguma favorita até agora?

Ela torceu o nariz.

– Humm... Acho que não...

Hanna piscou algumas vezes, com um vestígio de pânico vibrando em sua respiração. O processo era intimidante. Lembro-me de quando passei por esse momento: havia terminado o pós-doutorado e estava pronto para embarcar na próxima fase da minha carreira, mas ainda assim não conseguia acreditar que aguentaria entrar e sair todo santo dia de um laboratório, não importavam quão bons fossem meus artigos ou quantas entrevistas eu tivesse feito. Pesquisa é algo assustador, e a pesquisa acadêmica é cruel.

Esse foi um dos motivos pelos quais fui para a indústria: eu confiava mais na minha capacidade de reconhecer se uma tecnologia podia gerar lucro – e, consequentemente, fazer algo para obtê-lo – do que na minha capacidade de criar algo inovador por si só.

Da mesma forma, Hanna conhecia seus pontos fortes: sua criatividade técnica era quase infinita e ela tinha uma capacidade rara de integrar tudo o que lia no contexto científico mais amplo. Seria uma excelente professora. Eu só temia que aquilo lhe exigisse muito mais do que ela imaginava.

*Melhor atravessar a ponte quando chegarmos a ela.*

Ela respirou fundo e desviou o olhar para o teto.

– A chefe de departamento da Caltech parece incrível. Ela parece muito feliz! Fico imaginando um departamento cheio de nerds velhos e estranhos, mas aparentemente não é nada assim.

– Não?

– Bom, pelo menos não a princípio. Tenho certeza de que ainda tem *muitos* velhos nerds e estranhos. – Balançando a cabeça, ela continuou: – O nome dela é



Linda Albert. Ela me fez acreditar que vou ter muito tempo para outras coisas fora do laboratório, o que *nunca* ouvi nesses telefonemas. Ela perguntou de você, do seu trabalho e como você está encarando todo esse processo de entrevistas.

– Perguntou?

Hanna assentiu, tomou um gole de chá e se esticou para colocar a xícara na mesa de centro. Então voltou a se aninhar nos meus braços.

– Eu disse que você é sensacional. Falei que é o homem mais competente que conheço.

Afastei-me, olhando-a. Minha boca se abriu num sorriso.

– Você falou assim mesmo?

Hanna mexeu a cabeça, confusa.

– Assim como?

– Como se houvesse categorias de competência, e um *homem* competente é uma categoria inferior.

Ela riu, levantando as mãos.

– Não, não... Eu...

Eu me inclinei, fiz cócegas em sua cintura, e ela se encostou de volta no sofá.

– Como, por exemplo... Até que não dirijo mal... para um cachorro.

Ela riu mais alto, lutando contra os meus dedos em meio a um ataque de cócegas.

– Basicamente, você disse à chefe de biotecnologia da Caltech que seu marido é um esquilo que faz esqui aquático.

Ela sorriu, e parei com as cócegas, inclinando-me para beijá-la. Deslizei meus lábios pelos dela, sentindo sua boca se abrir em contato com a minha.

Subi minha mão por sua cintura e pousei dois dedos acima da clavícula, sentindo sua pulsação ali.

– Amo você – ela murmurou com a voz lânguida e os olhos fechados.

– Também amo você.

Ela relaxou no sofá, ao som dos carros e das pessoas do lado de fora. A brisa precoce de outono entrou pela janela, refrescando à medida que a noite se aproximava.

– É tão bom no silêncio – disse Hanna.

– É *sempre* bom. – Eu sorri e cantarolei distraído uma canção que eu sabia que ela gostava, enquanto ouvia o ritmo de sua respiração.

Ela passou a ponta do dedo na tatuagem de meu braço e deslizou-a para baixo, até a letra H preta no meu quadril, sua favorita.

– O que você quer fazer hoje à noite? – ela perguntou.

Encolhi os ombros e passei os dedos entre seus cabelos, levemente

embaraçados.

– Isso. Estar casado. Talvez ver um filme. Pedir comida. Ir para a cama e trepar por um tempo.

– Posso mudar um pouco essa ordem? – ela perguntou, passando os dedos sob o elástico da minha cueca.

Mas, como se o universo tivesse escutado nossos planos e dado risada dessa bobagem, ouvimos o barulho de passos do lado de fora, no corredor, e uma sinfonia de batidas na porta.

Hanna assustou-se e levantou num pulo.

– Que raios? – ela exclamou, virando-se para mim.

– Bergstrom-Sumner! – Max gritou do corredor. – Abram a porta!

– Acho que eles adotaram Sumner-Bergstrom – ouvi George corrigi-lo.

Meu estômago deu um nó.

Antes do casamento, não tínhamos tido tempo para festas: Hanna estava viajando, eu trabalhando, a vida estava muito corrida para aquela bobagem de despedida de solteiro. E, para ser franco, nenhum de nós precisava daquilo; não precisávamos de nenhuma despedida dos dias de solteirice – para a frustração dos nossos amigos, que fizeram um drama. Na semana anterior, tínhamos voltado à rotina e planejado um fim de semana pós-casamento sossegado, em casa. Hanna queria que ficássemos juntos no apartamento antes de entrar no frenesi das viagens de trabalho.

Nossos amigos sabiam disso.

Eles sabiam que estávamos em casa.

*Merda.*

Eles tinham nos prometido uma festa depois do casamento.

– Acho que sei o que é isso. – Levantei, fui até a porta e nem me importei por estar só de cueca. Eles chegaram sem avisar? Então iam ver o que não queriam.

A porta se abriu e revelou Chloe e Bennett, Max e Sara e George, segurando um monte de bebida nos braços.

– *Surpresa!* – todos gritaram em jorral.

Todos, menos George, que olhava para a minha cueca.

– É como se você soubesse que eu estava chegando! – ele exclamou.

– Uau! Oi, pessoal! – falei, sem muito entusiasmo.

– Vocês não têm escolha a não ser se embriagar com a gente – disse Chloe, com os braços cheios de lingerie rendada. – Algumas dessas são para Hanna, mas a maioria delas George escolheu para você.

– Tá bom, então, entrem logo! – eu disse, abrindo caminho.

Max e Bennett se demoraram no corredor, com cara de culpados. Levantei as sobrancelhas e olhei para eles com expectativa.

– Vocês vão entrar ou...

Eles hesitaram e olharam um para o outro.

– Nossas mulheres acharam... – Max começou a falar, observando meu traje minimalista.

– Não, tudo bem, não tem problema – eu disse, com um grande sorriso falso no rosto. – Minha mulher e eu estávamos prestes a desfrutar do sexo de recém-casados, mas, olha só, isso aqui é  *muito* melhor.

– Viu, talvez nós devêssemos ter ligado antes, mas Chloe... – disse Bennett.

– *Ligado antes?* – eu ri, segurando-os pelos ombros com força e puxando-os para dentro. Aqueles tontos iam ficar tão bêbados que não iam conseguir voltar para casa. – Não precisa telefonar! Vocês são bem-vindos para chegar em casa sem avisar e ficar aqui comigo e minha mulher de roupas íntimas a qualquer hora!

Max ficou envergonhado e riu baixo.

– Puxa, que merda.

– Primeiras doses para estes cavalheiros – eu disse, colocando um braço sobre o ombro de cada um deles. – Eles gostariam de começar logo essa festança!

Chloe seguiu George até a cozinha, enquanto Sara foi para a sala abraçar Hanna, que ainda estava surpresa, e colocar uma música. Um rock agitado invadiu o apartamento, e as duas voltaram para onde estávamos reunidos.

Hanna abraçou minha cintura, olhando-me nos olhos.

– O que acabou de acontecer? – ela perguntou, rindo.

Em sua expressão, eu podia ver a pergunta: *Nós estamos a fim disso?*

E, na verdade, nós tínhamos uma vida inteira de tranquilas noites de domingo juntos. E era difícil de resistir ao entusiasmo no rosto de nossos amigos.

Inclinei-me e dei-lhe um beijo.

– Acho que essa noite vai sair do controle muito rápido – falei, com a boca encostada na dela.

Ela riu.

– Acho que você pode estar certo.

Chloe saiu da cozinha com uma bandeja cheia de copos de tequila e entregou um para mim, um para Hanna e um para George. Bennett e Max receberam dois copos cada.

– Boa esposa – eu disse a Chloe.

Sara tirou a tampa de sua garrafa de água, e Chloe nos chamou mais para perto.

– Agora venham aqui e levantem esses malditos copos!

Todos os copos tilintaram juntos.

– Aos recém-casados, Will e Hanna Sumner-Bergstrom. Preparem-se para

uma vida inteira de muita sacanagem!

A tequila esquentou o percurso entre meus lábios e o estômago. Olhei para Hanna e vi seu primeiro arrepio à medida que a bebida descia, seguido de um tremor de aversão.

– Oh, Deus, isso é horrível! – ela reclamou.

– Então você só precisa tomar mais – disse George, que correu para a cozinha e voltou alguns minutos depois com outra rodada.

– Isso é loucura – eu disse a eles. – Vocês chegaram aqui faz cinco minutos e estão na entrada de casa, virando doses como um bando de estudantes idiotas.

Bennett concordou balançando a cabeça, mas tomou sua terceira dose assim mesmo.

– Você não deixou que o torturássemos com uma despedida de solteiro... – Max observou, levantando o copo. – Bennet teve uma em Vegas. Vocês todos fizeram a minha naquela espelunca de bar do Meatpacking District.

– Uma descrição adequada, se não me falha a memória – Bennett acrescentou.

– Acho que muitos clientes fizeram sexo no banheiro aquela noite.

– Além disso, quando foi a última vez que todos nós chapamos juntos?

O grupo ficou em silêncio.

– Acho que nunca! – Hanna sugeriu e virou mais uma dose, engasgando e apertando os olhos. – Acho que não gosto de tequila.

Observei suas bochechas rosadas e seus lábios molhados da bebida e fui até a cozinha pegar um limão e o saleiro.

– Aqui – eu disse, puxando-a para perto de mim.

– *Aí, sim!* – George ronronou atrás de nós. – Já vamos entrar na brincadeira das doses no corpo!

– Dê uma lambida no meu pescoço – falei para ela, e Hanna já estava tão tonta que fez isso na frente dos nossos amigos, sem hesitar. – Coloque um pouco de sal agora.

Senti uma cascata de sal cair pelo meu peito nu.

– Ok – disse Hanna. – E agora?

– Lamba o sal, tome a dose e depois chupe o limão na minha boca.

– Será que podemos registrar que Will ainda está de cueca? – Sara falou, do outro lado da sala, onde aumentou o volume do som estéreo. – Alguém mais está um pouco constrangido?

– Meu Snapchat está bombando hoje! – George murmurou e tirou uma foto antes que eu me esticasse e arrancasse o telefone da mão dele com um tapa.

A boca de Hanna se aproximou do meu pescoço em meio a assovios e palmas, então ela tomou a dose e se inclinou, chupando o limão preso entre meus lábios.

*Ai, caralho.*

Ela deu um passo para trás enquanto chupava a metade do limão e sorria para mim com os olhos.

– Melhor? – perguntei.

Ela tirou o limão da boca e balançou a cabeça.

– Não, ainda é nojento.

Ela me beijou, e sua boca tinha gosto de tequila e limão. Eu podia ficar saboreando seus lábios o dia inteiro e ainda pedir mais.

Mas ela colocou uma mão no meu peito, empurrando-me suavemente.

– Vá vestir suas calças. Você está... um pouco entusiasmado. – Ela sorriu para mim e apontou com a cabeça para minha cueca, e percebi que estava a caminho de uma ereção bem no meio da sala, cercado pelos meus amigos.

Bennett riu, virando-se.

– Fodam-se vocês! – eu falei, batendo no ombro dele e saindo para o quarto.

–

Não demorou quase nada e todos, menos Sara, estavam bêbados de cair. Até Hanna, que eu já tinha visto alegrinha em mais de uma ocasião, só parava de rir quando era tomada por uma onda de soluços de sacudir o corpo. A mesa de centro estava coberta de canudinhos de coquetel, baralhos, copos de tequila e garrafas de cerveja. Um pacote de salgadinhos de milho estava a um palmo de uma tigela quase vazia, e ninguém parecia se importar com o fato de a mesa estar cheia de molho respingado.

– Hanna. Para que tantas entrevistas de emprego? – Bennett perguntou, no seu melhor estilo bêbado-inconveniente.

Hanna levantou três dedos e falou:

– Tenho mais duas entrevistas.

– Onde? – Sara perguntou, empurrando um copo de água para perto dela.

Minha esposa, adoravelmente bêbada, fez um esforço para se concentrar em seus dedos, dobrando um a um:

– Berkeley. Caltech.

Chloe fez uma careta de raiva.

– Se vocês se mudarem para a Costa Oeste, vou fazer uma arma com isso aqui – ela disse bêbada, sacudindo um canudinho no ar e olhando para o resto da mesa –, e com esses amendoins e esse copo, e vou atirar no seu pau, Will!

Estremeci com a imagem.

– Uau! – exclamei.

– No pau, Will!

– Tá bom, uau! Deu para imaginar. Mas não sou eu quem está fazendo entrevistas de trabalho.

– Mas sua opinião tem peso – Max me lembrou.

– Não importa – abanei uma mão bêbada, sentindo um pânico silencioso começar a crescer em mim.

– Hanna vai praticamente morar no laboratório, de qualquer jeito.

– Uau... – Ela virou a cabeça para mim de um jeito lânguido. – Isso não é justo.

– Mas é verdade. – Apoiei um cotovelo na mesa, descansando o queixo sobre a mão fechada. Era como se eu tivesse um lençol cobrindo a pilha de preocupações que só aumentavam na minha cabeça, e o álcool o tivesse retirado e jogado de lado. – Queria que você escolhesse um emprego só de professora para que eu pudesse vê-la de vez em quando. Mas você não está atrás disso.

Ela jogou a cabeça para trás, fechando um pouco os olhos.

– Eu não *quero* um emprego “só de professora”. Também quero coordenar um laboratório.

– Eu sei – falei, erguendo os ombros. – Entendo. Mas é a escolha que você está fazendo.

A minúscula parte do meu cérebro que não estava bêbada mandou um sinal de alerta. Uma pequena voz no fundo da minha mente me disse que eu estava sendo um babaca.

Mas não liguei. Era verdade, não era? A ideia de Hanna assumir um cargo em uma grande instituição de pesquisa me assustava. Era um dos motivos pelos quais eu mesmo não tinha aceitado um emprego assim: a pressão para publicar em revistas bem conceituadas é cruel. Não deixa tempo para mais nada.

Até que ela tivesse estabilidade – o que poderia levar *anos* –, sua vida inteira seria o laboratório.

Além disso, ela havia feito entrevistas por todo canto e ainda não tinha me dado nenhuma indicação de onde ela gostaria de ir. Talvez tivéssemos de desmontar toda a nossa casa em questão de meses a fim de mudar para o outro lado do país, e eu ainda não tinha ideia do lugar para onde iríamos.

Estávamos casados havia uma semana, e eu já estava me preparando para ficar em segundo lugar em relação à carreira dela.

– Vamos continuar o Verdade ou Desafio – sugeriu George, falando bem alto e tirando-nos de uma possível briga.

– É sua vez – disse Bennett para Hanna.

– Tá bom – falou Hanna, olhando para mim –, mas nós não terminamos de discutir isso...

– Vocês podem esperar a gente ir embora, pelo menos? – perguntou Bennett.

– Desculpe por eu ter perguntado.

– Falou o homem que briga e transa com a mulher em público todo santo dia – respondeu Max.

Hanna bateu palmas, chamando nossa atenção de volta ao jogo.

– Verdade ou desafio, senhor Sumner-Bergstrom?

Inclinei-me para a frente, sorrindo.

– Aaaaah, desafio!

Hanna não conseguiu segurar sua risadinha de satisfação.

– Eu desafio você a beijar George.

Todos nós viramos para George, que tinha ficado branco como papel.

– O quê? – disse ele. – *Espere*. O que foi que ela disse?

– Vem cá... – eu murmurei, encenando para a turma.

George sacudiu a cabeça, sem acreditar, dizendo:

– Ai, meu Deus, ai, meu Deus...

Agarrando seus cabelos, inclinei-me e virei sua cabeça para perto da minha. Os olhos dele se arregalaram.

Mordisquei seu lábio inferior.

– Respire, George.

– Você quer acabar comigo? – ele me perguntou, com a voz aguda e rouca.

– Com certeza, vou tentar – disse a ele, e então movi-me para a frente, cobrindo sua boca com a minha, e – caralho, como eu estava bêbado! – passei a língua lá dentro para provocar um pouquinho.

Colado em mim, George pareceu derreter-se, com a boca ainda aberta quando recuei.

Todos aplaudiram com entusiasmo.

– Você está bem? – perguntei.

– Vou ficar bem *para sempre* agora – disse ele, pasmo.

Virei-me para trás e olhei para Hanna, que parecia querer me devorar. Cheguei mais perto dela e dei-lhe um beijo. – Está bom pra você?

Ela assentiu, fingindo indiferença.

– Nada mal.

Seu pescoço estava corado; sua respiração, curta e irregular. Que safadinha a minha mulher...

– Você deve estar bem molhadinha agora – eu disse em voz baixa.

Ela assentiu novamente, curvando sua boca num sorriso lento.

– Ainda está brava comigo? – perguntei.

Seus olhos ficaram frios quando ela se lembrou.

– Não quero falar sobre isso agora. Estou muito bêbada.

Na verdade, eu não tinha me preocupado muito com a coisa toda até ela dizer

isso. Hanna e eu brigávamos em trinta segundos: um dizia alguma coisa, o outro discordava, e então decidíamos se valia a pena discutir ou não.

Hanna odiava conflito mais do que qualquer outra coisa no mundo.

Nós não gritávamos.

Nós não deixávamos para discutir alguma coisa mais tarde.

Nós simplesmente não brigávamos; mas parte de mim queria  *muito* que isso acontecesse.

Senti meu estômago embrulhar na hora.

—

Seguiram-se horas de bebedeira, ou assim me pareceu. Chloe e Sara tinham planejado todo tipo de brincadeiras adolescentes, entre elas uma partida barulhenta de Duvido (Max ganhou), um jogo de dardos totalmente fajuto (não se sabe quem venceu) e uma brincadeira de Eu Nunca, que deixou todos nós com medo de que Chloe ou Bennett derramassem sangue no nosso tapete persa novinho.

Às três da manhã, todos já estávamos com o olhar perdido no teto, deitados com as pernas emaranhadas embaixo da mesa de centro.

— Temos que ir — Bennett balbuciou, levantando-se com um esforço óbvio. — Só temos trinta horas para recuperar uma aparência profissional plausível.

— Vou ficar de ressaca — Chloe resmungou. — Quem eu posso pagar para voltar no tempo e desfazer três doses de tequila? Talvez quatro...

Sara, que tinha dormido em nossa cama, saiu do quarto se alongando.

— Acabei de chamar uns táxis. Vamos lá, seus bêbados.

Na porta, Hanna parou e abraçou um a um.

— Obrigada por isso. Foi mesmo muito divertido fazer bobagem com vocês por umas horas.

— Estamos todos felizes por vocês — Max acenou da porta.

— E vocês quase nunca recebem os amigos em casa — acrescentou Chloe. — Fico contente que tenham tirado uma noite para relaxar um pouco.

Com um tapinha na cabeça de Hanna, ela se virou e acompanhou os outros para fora de casa.

Hanna se aproximou e encostou a cabeça no meu ombro.

— Eu trabalho mesmo tanto assim? O tempo todo?

Encolhi os ombros e beijei o topo da sua cabeça.

— Mais ou menos — respondi. A frustração que eu havia sentido mais cedo se dissipara.



Era uma das coisas que eu admirava em Hanna: ela estava entrando como um furacão no mundo acadêmico. Mas era também a coisa que mais perturbava a minha visão para o nosso futuro. Por mais que eu odiasse admitir, adorava a ideia de Hanna estar em casa comigo à noite, Hanna grávida dos nossos filhos no futuro, Hanna sempre comigo depois do trabalho.

Ela não tinha vocação para ser esposa em primeiro lugar, acima de tudo, e *sabia* disso – sempre soube e, caramba, eu nunca imaginei que fosse *querer* isso numa mulher –, mas alguma parte pouco evoluída de mim desejava mais tempo e mais atenção dela, antes mesmo de perdê-los.

– Achei que tinha consertado isso no ano passado – disse ela. – Jensen pegou tanto no meu pé. Achei que tinha saído um pouco do laboratório, conseguido um homem, feito alguma coisa.

Virei-me e acompanhei Hanna até o banheiro para escovarmos os dentes.

– Os velhos hábitos são os mais difíceis de mudar.

Ela balançou a cabeça enquanto enfiava a escova de dentes na boca, apertando os olhos.

– Não quero falar sobre isso nesta noite.

As palavras saíram abafadas, e ela escovou os dentes com força. Mas, de qualquer forma, acabou falando:

– Você me deixou brava quando disse que eu deveria aceitar um emprego de professora.

Inclinando-me para cuspir, perguntei:

– O que há de errado em ser professora? Você provavelmente teria um horário mais regular, o que seria melhor para *nós*.

Ela olhou para mim com a boca cheia de espuma, os olhos arregalados e vidrados, e então se virou para cuspir na pia e lavar a boca.

– Você vai fazer eu me sentir culpada por isso?

– Não – respondi, mas tive que ser honesto. – Mas acho que eu tenho uma opinião sobre isso, afinal de contas. Sinto que não tenho ideia de qual é o plano. Sim, eu posso trabalhar de qualquer lugar, mas seria bom ter uma região em mente.

Ela limpou a boca com a toalha e ficou parada, respirando fundo, de olhos fechados.

– Está bem. Não vamos falar sobre isso agora. Meu cérebro está todo bêbado. Com um gesto decisivo com a cabeça, ela olhou de volta para mim.

– Vamos deixar isso de lado agora.

Dei um passo em sua direção e inclinei-me para beijá-la.

– Vamos deixar de lado.

Quando minha língua tocou a sua, ela recuou, rindo.

– Ai, meu Deus, acabei de lembrar que fiz você beijar George!

– Fez mesmo.

– Ele gostou.

Isso me fez rir.

– Você acha?

– E você, o que acha?

– Quer dizer, não foi *horrível*. Mas não era você.

Eu a segui até o quarto, e entramos debaixo das cobertas.

– Você acha que ele está apaixonado por você?

Balancei a cabeça.

– Não. Mas acho que ele quer que eu transe com ele!

Hanna riu e subiu em cima de mim, beijando meu peito nu.

– Aposto que ele ia adorar isso. – Ela desceu pelo meu corpo, tirou minha cueca e jogou-a no chão do quarto. Sua boca tocou a cabeça do meu pau, provocando-me com a língua. – Adoro lamber você. – Ela me chupou, bêbada e ousada. – Como você está molhado! É como se o seu corpo estivesse implorando para gozar.

Senti meu coração disparar num trovão e gemi:

– Hanna.

– Nossa, Will. Como está duro. – Ela me masturbou, batendo meu pau em sua língua. – Ele é tão reto e liso. George ia perder a cabeça.

– Eu quero somente a *sua* boca.

Ela olhou para mim com um jeitinho malicioso.

– Mas eu gosto de ter você quando outras pessoas o desejam. Isso faz com que eu me sinta poderosa.

– E é assim que eu sei que você confia no meu amor. Você não teria dito isso um ano e meio atrás.

Ela riu, soltando o ar quente no meu pau.

– Você está usando a minha aliança. Você tatuou o *meu* nome. Dão em cima de você o tempo todo e você fica todo desajeitado. Eu o envenenei para as outras mulheres.

Meus quadris se levantaram na cama, sedentos.

– Não fale comigo sobre outras pessoas agora. Eu gosto dessa selvagem que está brincando comigo neste momento. Quero que a safadinha da minha mulher chupe o meu cacete.

Ela arrastou os dentes para baixo no meu pau.

– Assim?

– Isso.

– Você gosta que eu fale como adoro te lamber? Tão duro e liso ao mesmo

tempo. – Ela me sugou com força, soltando com um ruído de sucção, e disse: – Quero chupar até você gozar.

– Caralho. – Hanna bêbada tinha uma boquinha bem suja.

– E aqui embaixo? – Ela lambeu as minhas bolas. – Você adora ser tocado aqui. Acho que você é muito mau, William. Acho que gosta da ideia da minha língua aqui não só porque é gostoso, mas porque gosta de *ver* uma sacanagem.

Respondi com um gemido. Ela fechou os olhos e voltou a me abocanhar de novo, mais fundo, para cima e para baixo, apertando-me com os lábios. Ela sabia, conhecia meu corpo tão bem que estar com ela daquele jeito era como respirar.

A conversa que precisávamos ter estava esquecida por enquanto, à espera.

Mas era fácil deixar a preocupação de lado quando ela estava lá, quente e molhada, escorregando sobre mim, com gemidinhos que faziam meu pau vibrar. Eu disse o que ia fazer com ela depois que terminasse, como ia cair de boca e chupá-la inteira, como ia pegá-la de jeito e deixá-la mole de tanto prazer.

O desespero arranhava como uma fera por baixo da minha pele.

Fiquei um pouco assustado por perceber que eu não estava me acostumando com isso. Ao contrário, estava cada dia mais desesperado por ela. Eu a *tinha*. Eu vivia com ela. Havia me casado com ela. Mas a intensidade de meus sentimentos por Hanna era estranha para mim, e o nosso futuro *desconhecido* me deixava inquieto.

Fechei os olhos e agarrei seus cabelos, sentindo sua presença sólida sobre mim. Eu precisava de algo maior e mais profundo do que qualquer coisa que ela pudesse me dar nesta noite.

## Quatro

Ainda meio dormindo, pisquei com a luz. Era quase de manhã, cedo o bastante para que os primeiros indícios de claridade no céu começassem a se infiltrar nas sombras, mas muito, *muito* cedo para acordar.

Joguei o cobertor sobre a cabeça, enterrando o rosto no travesseiro e fechando bem os olhos. As ruas lá fora estavam relativamente calmas, e Will dormia tranquilo ao meu lado, mas eu quase podia *ouvir* minha dor de cabeça.

Desisti e rolei para o lado, procurando com os dedos a pele morna de Will entre os lençóis e...

Ai. Aquela não era uma boa ideia. contei até dez e respirei pelo nariz enquanto esperava o quarto parar de girar. Meu estômago definitivamente não tinha gostado da mudança de posição.

Resmunguei e esfreguei meus olhos fechados, enquanto me sentava na cama. Parecia que eu tinha um pedaço de algodão na boca, e por pouco não botei para fora tudo o que tinha bebido na noite anterior. Mas assim era melhor... A vertical era definitivamente uma escolha melhor.

Will murmurou alguma coisa e virou de lado, e olhei-o por sobre o ombro. Ele respirava suavemente, com o travesseiro entre os braços, dormindo tranquilo de novo. A aliança reluzia em contraste com sua pele bronzeada; estendi a mão e passei um dedo sobre o metal frio. Uma semana – ele estava usando aquela aliança havia uma semana, e eu tinha plena certeza de que podia passar um milhão de semanas como aquela.

Fiz um esforço para levantar e me arrastei até o banheiro.

Usei a privada e lavei minhas mãos, escovei os dentes – *graças a Deus* – e bebi pelo menos um litro de água diretamente da torneira. Nunca mais queria ver tequila na vida!

Sentindo-me um pouco melhor, voltei para o quarto e olhei ao redor, seguindo a trilha de roupas descartadas que levava da porta até a cama. *A noite passada foi louca*, pensei. Eu me lembrava do álcool – *muito* álcool –, dos nossos amigos, e

tinha uma vaga lembrança de Will beijando George e de eu ter ficado totalmente excitada com isso?! Definitivamente, eu teria que perguntar para Sara, que estava sóbria. E me lembrava da sugestão de Will, de que eu devia escolher um cargo de professora.

E assim, minha mente ficou clara de repente. Senti a pele começar a coçar quando me lembrei dos comentários de Will sobre eu passar a vida no laboratório, como se ele tivesse certeza de que isso aconteceria. Por que não era um problema se *ele* trabalhasse muito? E se ele dedicasse tudo à sua carreira? Will sempre me dava muito apoio e ficava orgulhoso do que eu tinha conquistado... De onde vinha essa queixa? Nós nos casamos, sim, mas nunca assinei um contrato para me transformar numa Amélia dona de casa nem para deixar de ser quem eu era. Sacrifiquei minha vida inteira pela minha carreira e estava muito orgulhosa do equilíbrio que eu tinha conquistado desde que conheci Will e me apaixonei, e *casei* com ele. Será que ele tinha tão pouca confiança na minha capacidade de conciliar as duas coisas?

Irritada de novo, fui até a cômoda, peguei umas roupas e as vesti tentando fazer o mínimo de barulho. Achei meus sapatos debaixo da cama e meu telefone, chaves e carteira de motorista espalhados pelo apartamento, no meio dos vestígios da bebedeira da noite anterior. Coloquei tudo no bolso da jaqueta e fechei o zíper, voltei para o quarto e desliguei o despertador de Will.

Eu ia correr sozinha; Will podia ficar em casa.



Da mesma forma que naquela primeira corrida com Will, mais de um ano atrás – se é que se pode chamar aquilo de corrida –, fiquei andando para a frente e para trás, esperando. Ao longo do ano, eu tinha mudado a nossa rota, começando em pontos diferentes para subir as colinas no começo da corrida em alguns dias e no final em outros. Em vez de entrar no parque pelo Portão dos Engenheiros, na 5th Avenue, fiquei andando para cá e para lá num trecho da trilha próximo ao Columbus Circle.

Andar é natural para mim. Eu fazia isso em casa sempre que estava estressada com alguma coisa, e tenho quase certeza de que gastei o piso entre a porta da frente do laboratório e a parede oposta. Quando eu era pequena, meu pai dizia que ia prender o cortador de grama em mim, pelo menos assim a grama ficaria cortada, e eu não pisotearia o tapete da cozinha até estragá-lo. Imaginei que Max já estivesse acordado por causa de Annabel e, logo que saí do apartamento, mandei uma mensagem de texto para ele. Felizmente, ele estava, e não se queixou de começar nossa corrida um pouco mais cedo. Embora “pouco” talvez

tivesse sido um eufemismo.

Ainda estava escuro – principalmente dentro do parque –, o céu nublado cor de ameixa ia ficando iluminado perto do horizonte à medida que o sol se levantava, lentamente, por trás das árvores.

Eu adorava aquele lugar a esta hora da manhã, quando o ar ainda estava frio e fresco e não havia quase ninguém para ver; nada a fazer a não ser desligar meu cérebro e movimentar meu corpo. Will e eu corremos por essas trilhas quase todos os dias desde aquela primeira manhã, e Max passou a nos acompanhar com Annabel pouco tempo depois que ela nasceu. Ele dizia que a menina dormia pesado nos dias em que ele a levava para correr, mas nós sabíamos o verdadeiro motivo. Max adorava esses momentos com a filha, e Sara, por sua vez, adorava as manhãs livres sem a menina.

Ouvi as rodas do carrinho de bebê antes de ver Max vindo na minha direção.

– Bom dia, senhora Sumner-Bergstrom – disse ele, parando na minha frente. E, apesar da minha irritação com Will, senti um friozinho na barriga ao ouvir meu nome de casada.

– Bom dia! – Minhas bochechas esquentaram quando afastei a coberta e me ajoelhei para dar um beijo naquela bebê adorável, presa ao requintado carrinho para corrida. – E bom dia para você, senhorita Anna. Como vai a menininha mais bonita de Nova York? Como ela está?

Annabel deu uma risadinha e agarrou as pontas soltas do meu cabelo para me puxar para perto.

– Bem descansada – disse Max. – Infelizmente, não se pode dizer o mesmo do resto da família...

Suspirei, dramática.

– Você acordou os adultos de ressaca, bebezinha linda? – perguntei para ela, fingindo devorar seu pezinho.

Max resmungou.

– Acordou com o primeiro raio de sol e depois dormiu o caminho inteiro até aqui. Agora está feliz como ninguém.

– Bem, por que não estaria? – eu disse e me levantei. Tentando dar um jeito no meu cabelo, alisei as mechas embaraçadas para trás com os dedos e usei um elástico que estava no pulso para prendê-lo no topo da cabeça. – Tem alguém empurrando-a pelo Central Park e satisfazendo todas as suas vontades. Todos nós devíamos ter essa sorte.

– Concordo com você nesse ponto. Embora imagino que William faria o mesmo se você pedisse com jeitinho.

– Ah! – Eu olhei para o lado, na direção de uma fileira de árvores que parecia infinita.

– Falando nele... Onde está Will hoje? – Max perguntou, seguindo meu olhar pelo parque.

– Ah... ele... ainda está dormindo – eu disse, tirando a poeira dos meus joelhos de um jeito exagerado e me virando em direção à trilha. Percebi a irritação na minha própria voz... Tinha certeza de que Max também. Will ainda estava dormindo porque eu queria correr sem lutar contra a vontade de empurrá-lo no lago. Eu definitivamente não ia mencionar isso para Max.

– Ainda dormindo – Max repetiu, com um ar satisfeito. Não era preciso ser nenhum gênio para saber que mais tarde Max ia ou parabenizar Will ou lhe dar uma bronca épica.

– Pronto para ir? – perguntei, e Max assentiu, educado o bastante para ignorar minha estranheza.

Começamos na estátua USS *Maine* – com Max e Anna ao meu lado –, pelo caminho que levava à via principal. A trilha seguia por uma ladeira e continuava com a subida leve e constante de Cat Hill. Eu ouvia o zumbido dos pneus do carrinho no asfalto perto de mim, enquanto me preparava para subir Harlem Hill.

Harlem Hill sempre foi um bom barômetro para dias ruins como este. Numa manhã decente eu conseguia chegar até o topo e ainda xingava algumas vezes no meio do caminho – o suficiente para fazer Will dar risada. Se minha semana tivesse sido particularmente difícil, eu subia sem dizer nenhuma palavra, com o cérebro vazio exceto por um pensamento: *corra até cair de cansaço*.

Will me conhecia bem o suficiente para avaliar meus humores e aparentemente Max também.

– Ei, ei! Espere um pouco aí, campeã olímpica! – ele exclamou, atrás de mim.

Eu estava correndo como uma velocista pela trilha e o pobre Max estava com dificuldades em me acompanhar.

– Desculpa – murmurei e reduzi a velocidade para que ele me alcançasse. – Eu meio que esqueci que você estava aí. *E* empurrando um carrinho. Deus, sou uma babaca.

Max fez um gesto de “deixa para lá” e começamos a caminhar um ao lado do outro, para esfriar um pouco.

– Posso não estar com uma forma tão boa como o sei-lá-como-ele-chama, mas, Jesus, Hanna, você estava correndo como se o seu traseiro estivesse em chamas. Qual é o problema?

– Fiquei um pouco perdida em meus pensamentos – eu disse, e foi só quando desaceleramos que percebi meus quadris queimando e meu estômago embrulhado. – Ah... Acho que eu vou vomitar.

– Está com um pouco de ressaca hoje, imagino – Max comentou, rindo baixo.

Eu resmunguei e respondi:

- Pode-se dizer que sim.
- Ressaca da tequila ou do marido?
- Dos dois.

Ele soltou um “hum” do fundo da garganta, compreensivo.

Anna começou a ficar inquieta e Max ajeitou suas cobertas.

- Parece que tem algo aí.
- Não estou acostumada a ficar irritada com Will. Nós nunca brigamos, então talvez seja por isso que estou um pouco... inquieta com a situação.

– É compreensível – disse ele, abrindo caminho e sorrindo para um homem que passou por nós. – Mas, para ser honesto, o que eu ouvi na noite passada não pareceu muito uma briga para mim.

– Nós nos damos tão bem. Não estou nem um pouco acostumada com o fato de ele ficar irritado comigo. Meu cérebro entra em pane quando acontece algo assim.

– Hanna, casar é estressante. Procurar emprego é estressante. Mudar de casa é extremamente estressante. E fazer tudo isso junto pode deixar você louca, com diagnóstico e tudo mais. Dê um tempo para vocês, certo?

Concordei e chutei uma pedra que estava na minha frente.

– Eu sei. Só é estranho quando não resolvemos as coisas com facilidade.

Max balançou a cabeça.

– Eu nunca achei que fosse encontrar um casal que combinasse de um jeito tão estranho quanto Bennett e Chloe... Mas você e Will podem ter superado os dois. Embora seja possível que vocês dois sejam robôs. Pensando bem...

– Muito engraçado – falei e dei um soquinho no ombro dele. – Não acredito que Will pensa que eu aceitaria um trabalho sem nenhum componente de pesquisa – acrescentei. – Ele não sabe que eu amo o laboratório? Ele não sabe que a vida inteira eu sonhei em *coordenar* um laboratório?

– Bom, ele é maluco por você, e estar apaixonado transforma até os homens mais inteligentes em idiotas. Com certeza vocês, cientistas, têm um jargão para isso. – Ele olhou para mim e riu alto. – Têm, não têm?

– Quer dizer, existe uma neuroquímica básica da paixão, ou do tesão, na verdade, e foi demonstrado que isso afeta o funcionamento do cérebro... – eu percebi o que estava fazendo e sorri para ele, culpada.

– Vocês dois são absolutamente perfeitos um para o outro.

Não disse nada e olhei para o caminho à nossa frente. Max estava certo; Will e eu *éramos* perfeitos juntos. Pelo menos eu sentia isso, e nunca fui tão feliz em toda minha vida quanto no tempo em que estávamos juntos. Mas minha carreira também era importante para mim e, se *alguém* tivesse que compreender isso, achei que seria ele. O laboratório era importante para mim, assim como minha



pesquisa. E ele também.

Por que eu não poderia ter ambos?

– Então, como estão indo as entrevistas? – Max perguntou, chamando minha atenção de volta para a conversa. Estávamos perto de Columbus Circle de novo, e o número de pessoas na trilha e no parque tinha aumentado.

– Bem – respondi –, viajo na quarta-feira para Berkeley.

– Um campus maravilhoso.

– Você já esteve lá?

Ele fez que sim.

– Tenho alguns clientes que moram por aqueles lados. É lindo, então tento passar mais uma noite ou duas quando posso... Ultimamente não tanto – ele acrescentou, sorrindo com carinho para a bebê.

– Eu só estive lá algumas vezes, em viagens de família. Pode ser bom – falei.

– Então, não é sua favorita?

– Eu não tenho uma favorita, para ser honesta. – O som de uma sirene atravessou o ar a alguns quarteirões dali, ficando cada vez mais alto à medida que se aproximava do parque, antes de desaparecer a distância. Quando parou, olhei para Max e encolhi os ombros, acrescentando: – Acho que estou tentando passar pelas entrevistas primeiro e, ao mesmo tempo, imaginar onde Will gostaria de morar.

– Acredite em mim, seu marido acha você fora de série. Você poderia dizer que escolheu uma faculdade na Antártida que ele perguntaria se já podiam começar a fazer as malas.

– É... Acho que sim... – eu falei. – Quer dizer, sei que ele me ama, é claro, mas o resto... Escolher onde nós vamos morar? É uma decisão tão importante...

– Bom, antes que tudo isso acontecesse, quer dizer, Will e o casamento, onde você se imaginava?

Soltei o ar com força e vi uma nuvem branca se condensar na frente dos meus lábios. O que eu *queria* antes de Will? Eu tinha um plano – eu *sempre* tinha um plano –, mas era difícil me lembrar da época antes de Will. Eu conseguia ver, mas tudo parecia empoeirado e distorcido, de certa forma, sem graça.

– Eu nunca me imaginei em uma faculdade *específica* – respondi. – Sempre gostei de Harvard... Caltech, talvez...

– Massachusetts – disse ele, e fez uma pausa, pensativo, unindo as sobrancelhas enquanto considerava. – Harvard certamente seria interessante. Imagine quantas vezes eu poderia lembrar Will da vez que ele tentou transar com você na casa dos seus pais.

Quase engasguei com a palavra *tentou*.

Will fez mais do que *tentar* naquela viagem a Massachusetts, e eu

basicamente o ataquei logo que entramos no meu antigo quarto.

Meu coração deu um salto ao me lembrar daquela noite. Olhando para trás, percebi que Will tinha basicamente declarado seu amor por mim, e eu tinha sido tão tapada, ou estava deslumbrada demais pelo sexo sensacional que fizemos no chão, que nem ouvi. Meu rosto ficou quente e vermelho, e logo mudei de assunto.

– Então não vai ser *mesmo* um problema para a Stella & Sumner? Se nós mudarmos?

Max olhou para mim como se eu tivesse acabado de dizer algo absurdo.

– As coisas seriam um pouco mais complicadas, mas precisam fazer o que for melhor para vocês. Nós faremos o resto funcionar. – Então ele deu um sorriso largo. – Esta é a vantagem de sermos os chefes.



Depois de deixar Max e Annabel no parque, eu ainda não estava pronta para voltar para casa e encarar Will. Na verdade, não estava certa do que diria para ele. Em vez disso, virei a esquina na direção da 59th Street e da estação Columbus Circle e decidi pegar o metrô para o laboratório.

Só duas coisas tinham sido fáceis na minha vida até então: uma era a ciência e a outra era Will. Fora do meu círculo normal, eu nunca tinha sido muito boa com pessoas. Eu tinha a tendência de me abrir demais, e meu filtro verbal entrava em curto-circuito noventa e oito por cento das vezes. Mas com Will, de certa forma, isso não teve importância. Ele gostava do fato de eu falar sem parar, e nunca tive que ser outra pessoa com ele a não ser eu mesma. Sempre foi fácil.

Mas na noite anterior... Não tenho certeza de onde veio tudo aquilo. Eu sabia que Will não gostava do meu horário imprevisível, mas isso fazia parte de coordenar um laboratório. Sempre pensei que, como ele próprio era um cientista, entenderia isso. Will queria que eu assumisse um cargo de professora, mas isso é algo que você faz quando sua carreira está desacelerando, não quando está começando. Eu queria fazer pesquisa e publicar artigos, contribuir com o conhecimento científico mais amplo. Queria fazer diferença. Todo o começo do nosso relacionamento não foi baseado em Will me ajudar a encontrar o equilíbrio? Eu fiz isso naquela época, então por que ele duvidaria de mim agora?

Destranquei a porta e entrei na sala escura, quebrando o silêncio com o barulho de vidro estilhaçado debaixo dos meus pés.

Estava claro o suficiente para ver que uma prateleira perto da porta tinha caído e todo seu conteúdo tinha se esparramado pelo chão.

– Que maravilha – murmurei, jogando minhas chaves no balcão e acendendo a

luz. Imediatamente me arrependi de estar lá. Havia vidro e papéis por todo o chão, alguns cacos menores tinham voado até o outro lado da sala. E como eu era a única ali àquela hora, parecia que a presidente da equipe de limpeza seria eu.

A despensa no fim do corredor tinha uma vassoura, uma pá e alguns sacos de lixo para tudo o que teria de ser jogado fora. Levei mais tempo do que imaginava para limpar, reorganizar e guardar tudo em outros lugares, mas me senti bem fazendo algo que não exigisse pensar, assim podia esvaziar a cabeça.

Depois que terminei, coloquei os materiais de limpeza de volta no armário, sentei à minha escrivaninha e liguei o computador. Havia alguns e-mails para responder, alguns detalhes de último minuto para finalizar e uma série de dados que eu precisava checar. Havia até mesmo outro pedido de entrevista que eu tinha arquivado até poder checar minha agenda e ver onde poderia encaixá-lo. Eu não tinha mencionado esse para Will e, por um segundo, hesitei, me lembrando da nossa conversa da noite anterior.

Mas tudo daria certo. Eu poderia fazer todas as entrevistas e conversaríamos sobre isso quando eu tivesse ofertas de verdade para discutir, em vez de ficarmos estressados por causa de um monte de variáveis hipotéticas.

Resolvido isso, fui até a capela do laboratório para alimentar algumas células e checar algumas culturas, sem me dar conta de que não tinha comido nada nem tomado uma xícara de café. Quando finalmente voltei a mim foi por causa do som do meu estômago roncando na sala vazia. Já tinha passado da hora do almoço, e quando olhei em volta pela primeira vez depois de horas, percebi que ainda estava sozinha. Levei um tempo para perceber o porquê disso: era domingo.

O resto do mundo provavelmente tinha tomado café tarde ou passado a manhã de pijama, vendo TV sem pensar, abraçado a alguém – ou seja, não num laboratório, tentando ignorar a ressaca e fazer cálculos que poderiam facilmente ser deixados para segunda-feira.

*Droga.* Talvez Will estivesse certo.



O apartamento estava silencioso quando cheguei em casa. E, logo notei, sem nenhum lixo da festa. Franzi a testa, sentindo-me uma idiota por ter deixado a bagunça para ele limpar, e fiz uma nota mental para me lembrar de agradecê-lo mais tarde.

Deixei a porta fechar suavemente atrás de mim e espiei a sala. Ainda estava bem parecida com o que era antes de Will se mudar: estantes e livros por toda

parte, fotos de família em todas as prateleiras e a velha escrivaninha do meu pai num canto. Mas agora os livros de Will se misturavam aos meus: meu primeiro sofá de verdade da vida adulta ao lado das poltronas de couro dele, em frente à televisão que compramos juntos – nossa primeira compra de casal. As fotografias da minha família ainda estavam penduradas na parede do corredor, mas as dele agora estavam ao lado das minhas, e logo acrescentaríamos as fotos do nosso casamento.

Quer dizer, até começarmos a fazer as malas para onde quer que eu nos levasse, e... eu mal conseguia pensar nisso naquele momento. Ignorava a pilha cada vez maior de caixas de papelão que tinham sido entregues e que parecia tomar mais e mais espaço a cada dia, mas sabia que não podia evitá-la por muito tempo. Eu estava chegando ao fim das minhas entrevistas, o que significava que estava quase na hora de tomar uma decisão, mas – ai – eu só queria me perder no corpo de Will por algumas horas. Varrer tudo do meu cérebro exceto o toque, o cheiro e a voz dele...

A descarga soou no fim do corredor, seguida pelo som de água corrente e depois pelo ruído da porta se abrindo. Os passos seguiram pelo chão de madeira, e então Will apareceu e parou na entrada, com os olhos arregalados.

– Você chegou – ele disse, sem se mover.

Coloquei minhas chaves na mesa perto da porta e tirei os sapatos.

– Sim... Desculpe.

– Meu Deus, Ameixa – disse ele, cruzando a sala e me envolvendo com os braços. – Onde, diabos, você esteve?

Senti que afundava em seu corpo, perdida no aroma reconfortante e familiar de sua pele, e o abracei também.

– Fui correr.

– De manhã. Você foi correr *de manhã* – ele disse, afastando-se o suficiente para ver meus olhos. – Faz horas que eu falei com Max.

Coloquei minhas mãos em seu peito e senti seus músculos rígidos por baixo dos meus dedos e o calor da sua pele contra o tecido.

– Depois fui para o laboratório – expliquei.

– Por que você não me ligou nem respondeu a minhas mensagens e meus telefonemas?

– Ah... O telefone estava no bolso da jaqueta, acho, talvez no modo silencioso. Mas eu te mandei uma mensagem dizendo que ia sair por um tempo.

– Meus olhos desceram para o pescoço dele e tive que resistir à vontade de diminuir a distância entre nós de novo e enterrar meu rosto ali.

Ele suspirou e viu o jeito com que minhas mãos espelhavam o movimento do seu torso.

– Hanna – disse ele cansado.

– Desculpa, eu devia ter tido mais consideração.

Ele concordou.

Passei a mão em sua barriga.

– Eu ainda estava chateada.

Will se desvencilhou de mim e sentou no braço do sofá, esperando.

– Por causa da noite passada?

– É. Não gostei de você ter assumido que eu devia escolher um cargo de professora numa faculdade pequena.

– Ameixa, eu não assumi nada. É o que eu *prefiro*? Acredite ou não, eu *gosto* de você. Gosto de passar meu tempo com você. – Ele balançou a cabeça, rindo um pouco. – Quer dizer, hoje é um ótimo exemplo do que eu estou falando.

– Admito que eu não deveria ter saído o dia todo, mas te avisei, e eu precisava pensar.

– Bom, não quero ser um babaca e dizer o óbvio, mas você sempre vai para o laboratório aos domingos. Não só quando precisa pensar. E nós nos casamos faz uma semana.

Ai... Tudo bem, essa doeu um pouco. Dei um passo para trás, abri o zíper da jaqueta e a coloquei sobre a poltrona.

– Ir para o laboratório é o meu trabalho.

– Sei que é o seu trabalho, e eu amo o fato de você levá-lo a sério e de ser *muito boa* nele. Mas também estou tentando expressar o quanto *eu* também quero o seu tempo. E gostaria que você levasse isso em consideração quando analisar tudo isso. Queria que falasse comigo sobre isso.

Minha cabeça caiu para trás e eu olhei para o teto.

– Nós vamos brigar de novo?

Senti seu silêncio estupefato antes de ele dizer:

– O que aconteceu ontem não foi uma *briga*. Nós podemos discutir alguma coisa – até de um jeito acalorado – sem que seja uma briga. Dito isso, o que há de errado em discutir? Não significa que estamos mal só porque somos duas pessoas com opiniões diferentes sobre como lidar com algum assunto.

– Se eu fosse homem, estaríamos tendo essa mesma discussão? Será que um homem teria que escolher um cargo de professor em vez de coordenar um grande laboratório acadêmico?

Seus olhos se arregalaram de choque.

– Sim! Você não está dizendo seriamente que isso tem a ver com o fato de você ser mulher, está?

– Não, quero dizer... claro que não. Eu sei que você não faria isso. Eu só quero... Não quero que a gente brigue por uma coisa sem saber exatamente

sobre o motivo de estarmos brigando ou discutindo... Sei lá! – eu disse frustrada. – Nem sei quais são todas as opções, então como é que dá para ter uma *discussão* lógica sobre isso? Não podemos simplesmente esperar? Por favor?

Will suspirou, estendendo a mão para tirar uma mecha de cabelo do rosto. Ele olhou para mim com um olhar suave e paciente e então concordou, segurando minhas mãos.

– Venha cá – disse ele, e dei alguns passos em sua direção.

Era *isto* que eu queria: essa proximidade, a certeza que senti quando ele me envolveu em seus braços. O resto das coisas estava no ar, mas isto, isto era a minha constante.

– Senti sua falta – ele disse, segurando-me contra seu corpo, alisando meu cabelo com a mão. – Não gosto de acordar sem você aqui, principalmente com a dor de cabeça que eu estava hoje de manhã. – Ele se afastou e colocou as mãos no meu rosto, examinando-o. – Deus, deve ter sido uma corrida puxada!

– Max tem sorte que eu não o atropeliei – confessei, virando minha cabeça para beijar a palma da mão dele e depois sua aliança. – Eu não quero beber nunca mais. Sou péssima nisso.

– Você é mesmo – ele concordou, me observando. – Mas você está bem agora?

– Muito bem – falei. – Muito – beijo – muito – beijo – bem. – Ele inspirou curto quando pressionei meus lábios contra o seu pulso, primeiro de um jeito casto, depois mais molhado, chupando, abrindo minha boca para sentir seus batimentos na minha língua.

Sua reação veio na forma de uma inspiração forte, e meu olhar flutuou ao encontro do dele.

– Isso... – ele falou, e arranhei sua pele com os dentes, pressionando até que suas sobrelanceiras se levantassem um pouco com a dor. – Aqui mesmo?

Concordei, dei um passo para trás e tirei minha camiseta. Os olhos dele acompanharam o movimento, e observei suas feições se relaxarem, até o último vestígio de tensão deixar seu rosto.

– Aqui mesmo – respondi.

Nós dois sabíamos do que o outro gostava. Will curti que eu fosse um pouco rude às vezes, e eu gostava de ser guiada, que ele me dissesse onde me queria e o que queria que eu fizesse.

Will agarrou sua camisa pelo colarinho e a tirou num puxão, jogando-a displicentemente no sofá.

– Vire-se, então – ele disse, girando o dedo no ar.

Fiz o que ele pediu, virando-me de frente para a velha poltrona de couro atrás de mim. Eu adorava aquela poltrona, e ele também. Adorava me enrodilhar nela

enquanto trabalhava, com as pernas cruzadas e o *laptop* equilibrado no braço da poltrona. Eu adorava quando Will sentava nessa poltrona e eu na outra e nós dois ficávamos em silêncio, sem precisar falar, enquanto líamos ou assistíamos à TV. E eu adorava especialmente quando ele me deixava sentar no seu colo, enfiando-me debaixo da coberta, para ver um filme. E apesar de ter feito sexo em quase todos os móveis da casa, nunca tínhamos transado ali, numa das coisas que ele mais gostava – a poltrona que levou consigo de casa em casa durante toda sua vida adulta.

Dei um passo para a frente.

– Assim? – perguntei, afundando-me na poltrona, com os joelhos pressionando a almofada e as costas viradas para ele.

– Assim mesmo. – As mãos quentes de Will soltaram meu sutiã e o puxaram do meu corpo. Os dedos dele fizeram cócegas nas minhas costelas e depois passaram para o elástico da minha calça, brincando com ele por um momento antes de puxá-la junto com a calcinha pelas minhas coxas, até os joelhos.

O ar frio tocou a minha pele e me senti nua para ele, exposta. Fechei os olhos enquanto seus dedos tamborilavam na minha coluna, contando cada vértebra, registrando cada arrepio. Quando chegou ao pescoço, passou a mão pelo meu cabelo, torcendo o rabo de cavalo meio solto no alto da cabeça, agarrando-o firme e usando-o para me empurrar para a frente, até me deixar com o tronco, a barriga e os peitos encostados no couro frio.

– Bom... – ele murmurou e, pelo farfalhar das roupas, percebi que havia se afastado e se despiu atrás de mim. Eu queria virar e olhar, mas, quando finalmente tive coragem de fazer isso, a almofada afundou de novo e ele estava lá, quente, em contato com a parte de trás do meu corpo. Seus lábios encontraram meu ombro, meu rosto. Senti Will chupar meu pescoço (com certeza ia deixar uma marca). – Amo você.

Virei-me para beijá-lo e ofeguei ao sentir o contraste entre o couro frio na minha barriga e seios e o calor incendiário de seu corpo nas minhas costas.

Will estendeu a mão entre nós dois e pegou seu pau, passando a cabeça – quente e um pouco molhada na ponta – entre as minhas pernas para esfregar meu clitóris. Para a frente e para trás, para a frente e para trás.

– Quero que abra as pernas – disse, e eu fiz como ele instruiu. – Um pouco mais.

Afastei meus joelhos o máximo que pude, encostando-os nos braços da poltrona. Satisfeito, ele deu um beijo suave no meu nariz.

– Você quer isso? – ele perguntou, parado bem onde eu precisava dele, apenas a cabeça escorregando para dentro e para fora de mim. – Quer que eu brinque um pouco ou simplesmente meta em você?

– Mete em mim! – implorei, balançando o quadril em busca daquela sensação, tentando fazê-lo mover-se. – Will.

– Quietinha – disse ele. – Eu tenho você.

Ele me provocou de qualquer forma, lambuzando-se todo em mim antes de avançar.

Will costumava perder um pouco o controle de si quando me penetrava, às vezes xingava ou dizia meu nome, sussurrava incoerências na minha pele, como se estivesse tão tomado pelo fato de *estar* dentro de mim que podia gozar a qualquer segundo. Dessa vez não foi uma exceção, e ele gemeu nos meus cabelos, com a respiração curta e explosões de tesão enquanto se movia devagar, centímetro por centímetro, até que sua pélvis estivesse encostada à minha bunda, sua barriga musculosa pressionada contra a curva das minhas costas.

– Está tão bom – ele disse, mordiscando meu ombro e movendo os quadris em círculos lentos e provocantes. – Tão quente e gostoso... – Ele chupou minha pele e pegou meus peitos com as mãos, apertando-os, pinçando meus mamilos. Então, deslizou a mão entre as minhas pernas.

Eu estava molhada e escorregadia, e seus dedos migraram para baixo, bem lá onde eu os queria.

– Aí.

– É? – Will perguntou e eu fiz que sim, gemendo enquanto sentia meu corpo o apertando. Tentei me movimentar ao contrário, tentei segurá-lo dentro de mim antes que ele tirasse de novo. Nós nos movíamos juntos assim, preenchendo a sala com o som do sexo, interrompido apenas por um baque ocasional ou pela voz de pessoas nos apartamentos vizinhos.

Ele acelerou, incansável, e procurei algo em que me segurar, para me ancorar de alguma forma. Estendi a mão para trás e agarrei seu quadril com uma mão enquanto a outra caía por cima do encosto da poltrona; meu rosto virado e encostado no couro frio. Sua pele estava escorregadia de suor e enterrei minhas unhas nele, sabendo que isso só o deixaria mais excitado.

Will xingou com a respiração ofegante e quente nas minhas costas, e implorei, sem me importar se as pessoas no apartamento de cima podiam ouvir, se as pessoas do outro lado das paredes podiam ouvir.

– Mais forte. Mais forte, Will. Por favor.

– Caralho, Ameixa. – Ele acelerou, frenético, e pude ouvir os estalos de sua pele batendo na minha, o barulho da poltrona à medida que as pernas de trás saíram da borda do tapete e raspavam no chão de madeira.

– Ai, meu Deus – eu gemi –, ai... Ahhhh...

Fechei os olhos, sentindo uma onda de calor se irradiar do meio das minhas pernas e pela superfície da minha pele antes de tudo explodir em sensações. Will



mordia meu pescoço, e suas mãos seguravam meus peitos, seus gemidos selvagens me diziam que ele ia gozar a porra toda a qualquer segundo, então ele ficou mais brutal e frenético e meteu tão fundo em mim que seu corpo pressionava toda a extensão do meu, das coxas aos ombros.



Deitamos pelados no sofá, eu de costas, com a cabeça de Will descansando na minha barriga.

– Desculpe eu ter saído hoje de manhã – falei, enrolando os dedos no seu cabelo. – Eu sei que você disse que tudo bem, mas eu queria pedir desculpas de novo.

Ele olhou para cima, descansando o queixo perto do osso do meu quadril.

– Eu sei, Ameixa. E, para deixar registrado: você tem o direito de ficar brava e de precisar do seu espaço.

– Eu desliguei o alarme. Não fui muito legal.

Ele riu e se esticou sobre o braço do sofá e pegou minha mochila.

– Tenho certeza de que vamos dizer ou fazer coisas não muito legais um para o outro nos próximos cinquenta anos. Se todas elas forem tão abomináveis quanto dar ao outro umas horas a mais de sono, acho que vamos nos sair muito bem.

– O que você está fazendo? – perguntei, observando enquanto ele xeretava o bolso da frente da mochila. Ele pegou uma caneta e colocou a mochila no chão, e então tirou a tampa. – Vai me decorar de novo?

Ele respondeu com a boca fechada e começou a desenhar.

Uma árvore, raízes que começavam na ponta do osso do quadril e desciam se espalhando. Ele preencheu o desenho, com os olhos estreitos de concentração, enquanto a ponta fina da caneta se movia para cima e para baixo, até as extremidades da figura.

Levantei a cabeça, espiando meu corpo para ver melhor.

– É igual à sua – eu falei, apontando para a árvore em seu bíceps, cujas raízes se enrolavam em volta do músculo.

– Um pouco.

– Nós devíamos mesmo procurar uns livros de colorir para você – falei, sorrindo e descansando a cabeça sobre meu braço.

– Não seria a mesma coisa, não é?

Passei meus dedos pelos cabelos dele de novo, observando a forma como as cores mudavam à luz do entardecer. Eu sentia a caneta se mover, o cheiro da tinta e, quando olhei novamente, vi que ele estava desenhando cada folha com

todo cuidado.

– Agora, quando você for embora na quarta-feira, ainda estarei com você – disse ele.

– Você está sempre aqui – respondi, tocando seu rosto, dando batidinhas leves para que ele olhasse para mim.

Os olhos azuis de Will estavam quase negros nessa luz, tão abertos e honestos que eu não tinha certeza se conseguiria sair pela porta de manhã, quanto mais entrar num avião e voar até a Califórnia em três dias.

# Cinco

Hanna foi embora antes de o sol nascer na quarta-feira, inclinando-se para beijar minha testa antes de sair.

– Tchau, meu lindo – ela sussurrou, pensando que eu ainda estava dormindo. – Vejo você na sexta-feira.

Ela se virou para ir embora, mas levantei-me e fui atrás dela até a porta da frente, onde já estava com a mala e o *laptop* prontos para sair.

– Posso te fazer um café? – murmurei, piscando para ela. – Coloco na xícara para viagem.

Ela riu quando eu me cocei por cima da cueca, desatento. Sacudindo a cabeça, ela me falou:

– Volte para a cama, seu dorminhoco.

– Acho que vou sair para correr.

Ela deu um passo à frente e me beijou, e não foi rápida o suficiente para fugir quando a puxei para perto, pela cintura, segurando-a com força contra o meu corpo.

Hanna sorriu enquanto me beijava, com os braços em volta de meu pescoço.

– Você está tão quente.

– Quando você volta para casa na sexta-feira? – perguntei, beijando-a.

– Humm... tarde. Por volta das dez...

Dei um passo para trás, coçando os olhos.

– Espere. Para onde você vai nessa viagem?

Rindo novamente, ela se esticou para beijar meu queixo.

– Berkeley. – Ela me deu mais um beijinho e se afastou. – Meu táxi está esperando lá fora. Te ligo quando chegar lá.

—

– Você está muito quieto aí.

A voz de Jensen tirou-me de meus pensamentos e pisquei para ele do outro lado da mesa. Ele tinha vindo de Boston e encontramos Max e Bennett para um almoço no Le Bernardin, no começo da tarde.

– Só estou pensando em como Hanna está se saindo – falei. – Ela está fazendo aquela entrevista de trabalho neste exato momento. – Virei meu pulso e olhei para o relógio, corrigindo: – Não, terminou há cerca de uma hora. – Peguei meu telefone e percebi que ela não tinha nem mesmo mandado uma mensagem para dizer se havia chegado bem.

– O que ela disse? – perguntou Bennett, interpretando mal minha atenção ao celular.

– Ah, só que... – Fiz um gesto de deixa para lá, balançando a cabeça. – Nenhuma notícia ainda. Tenho certeza de que foi muito bem.

– Tenho certeza de que estão implorando para ela aceitar uma oferta – disse Max, sorrindo de um jeito reconfortante. Entre os três, era ele quem tinha me observado mais de perto durante o dia e ouvido Hanna e eu falarmos constantemente sobre a procura de emprego, a ideia de nos mudarmos, a ideia de ficar e sobre como seria nossa vida alguns meses depois.

Max certamente não queria que nos mudássemos, mas também não parecia muito preocupado com isso. Eu podia fazer meu trabalho de qualquer lugar, embora isso fosse mais fácil em algumas cidades do que em outras.

– Ela não acredita em mim quando digo que a escolha será dela – disse a eles.

– Bem – disse Jensen –, onde você acha que ela vai parar?

Dei de ombros.

– Na verdade, não sei.

– E quando vocês estão planejando se mudar? – perguntou Bennett.

– Bom, pode ser que nem...

Bennett fez um gesto para esquecer aquilo.

– Quero dizer, quando ela espera começar onde quer que seja?

– Provavelmente no próximo outono. Embora pareça que algumas faculdades querem começar no período de inverno.

– Will – Max disse, direto. – No inverno? Isso é em *outubro*.

Concordei, mexendo em meu prato.

– É em outubro – ele repetiu –, e alguns lugares querem que ela comece em janeiro. E vocês não têm nem ideia do lugar para onde vão?

– Ela não visitou todas as faculdades ainda. – A explicação pareceu pouco convincente até para os meus ouvidos, mas foi a única que ela me deu todas as vezes.

Meus amigos concordaram como se tudo fizesse sentido e, graças a Jensen, mudamos de assunto, mas dispersei-me depois de algumas opiniões sobre uma

fusão entre duas grandes companhias farmacêuticas.

Hanna e eu tínhamos estado tão focados no casamento e no começo da carreira dela que, na verdade, não tínhamos discutido o *como*.

Tudo parecia tão frenético que o mote “resolver isso depois do casamento” foi um jeito fácil de postergar qualquer decisão.

E ali estávamos nós, casados, apaixonados e prestes a mudar praticamente tudo em nossa vida. E ainda assim não fazíamos ideia de como seria isso.

—

Peguei uma cerveja da geladeira, tirei a tampa e ouvi satisfeito o barulho do gás saindo.

– Você não está bebendo meu refrigerante de baunilha, está? – Hanna perguntou do outro lado da linha.

– Acha mesmo que vou roubar seu refrigerante? – respondi, acomodando-me no sofá. – Posso ser novo nisso, mas eu sei como funciona um casamento.

Ela riu.

– Bom. Eu estava guardando para mim.

– Sabe – eu disse a ela, sentindo falta do calor do seu corpo junto ao meu no sofá –, mesmo que ele acabe, *você pode comprar outro*.

– Ah... Eu gosto da expectativa.

– Eu sei que você é assim – resmunguei.

– *Will...* – Meu nome, sozinho, era um pedido silencioso, um tiro de largada no começo de uma corrida.

Dobrei o braço sobre o rosto, tentando não me distrair com a ideia de fazer sexo por telefone.

– Vamos brincar daqui a pouco. Conte como foi o seu dia.

Ela respirou fundo e soltou o ar e começou a contar.

– *Beeeem*. Vejamos. Acho que minha entrevista foi bem. Tivemos discussões muito interessantes. E gosto do espaço do laboratório que eles sugeriram.

Esperei-a falar mais.

Hanna ficou em silêncio.

– E? – eu instiguei. – Você gostou da faculdade?

– Parece ótima!

Mudando meu braço de posição, olhei para o teto.

– Hanna?

– O quê?

– Você não está nem um pouco entusiasmada com esse processo?

– De verdade? – ela perguntou incrédula. – Estou *extasiada*.

– É que não é do seu feitio ficar tão calada assim.

Ela suspirou e disse:

– Estou tentando ser mais *contida*.

– Comigo?

Eu quase podia vê-la dar de ombros, sem saber o que dizer.

– Estou tentando guardar as opiniões momentâneas para mim. Pensei que falaríamos sobre isso depois de termos todas as informações.

– Sim, você mencionou isso, mas eu ainda prefiro saber de tudo à medida que acontece – falei para ela. – Quer dizer, sei que você tirou todo o domingo para pensar, Hanna, mas não me disse muita coisa sobre o que esteve pensando, além do fato de estar irritada comigo. É uma mudança grande – fiz uma pausa e acrescentei – para nós dois.

– Max me lembrou de me preocupar com o emprego, não com o lugar – ela disse. – Quer dizer, você pode trabalhar de qualquer canto.

Sentei-me, passando rapidamente de uma conversa relaxada para a irritação.

– Ah, então *Max* disse isso?

– Bom, você também disse – ela acrescentou rápido. – No começo, você falou para não nos preocuparmos com o lugar e apenas esperar para ver como tudo se desenrolaria.

– Talvez porque eu esperasse falar sobre isso com você à medida que as coisas acontecessem – argumentei, levantando-me para andar pela sala. – Mas toda vez que o assunto vem à tona, você diz: “vamos esperar e ver quais são as opções”. Nesse ponto, Hanna, as opções estão por toda a porra do globo. Podemos pelo menos eliminar algumas? Começar a fazer um plano?

– Eu ainda não sei qual lugar tem a melhor oferta! – ela respondeu irritada.

Soltei um riso incrédulo.

– Bom, podemos avaliar o quadro até agora. Quer dizer, minha opinião não conta em nada?

– É claro, mas nem temos as ofertas de todas as faculdades ainda.

– Hanna, podemos assumir que todos os lugares aos quais você foi são uma opção!

Era um *saco* ter essa conversa por telefone, mas eu estava muito ansioso para esperar o retorno dela. Depois de ver a reação dos meus amigos no almoço, eu sabia que era absurdo que ainda não tivéssemos nenhuma ideia do local para onde iríamos. Eu não queria mais adiar.

Ouvi Hanna respirar para se acalmar e dizer:

– Sinto que planejar agora é colocar o carro na frente dos...

– Ah, pelo amor de Deus! – eu a cortei. – *Você* é a porra do carro! *Você* é a

porra do boi! *Você* está dirigindo isso. Todas as faculdades querem você!

– *Will*.

Suspirei, apertando a base do meu nariz. Ela parecia tão vulnerável, mas seu tom pacificador acabou com a pouca paciência que me restava.

– O quê?

– Não grite comigo. Eu não quero brigar.

Eu estava muito irritado para deixar isso de lado imediatamente.

– Nesse ponto, parar de falar comigo no telefone ou deixar o assunto de lado não significa que não estamos brigando. O fato de você já ter feito oito entrevistas e de eu não ter ideia do que você quer já é um problema. Quero falar sobre isso.

Hanna ficou em silêncio do outro lado da linha e por fim soltou um “tudo bem” seco.

Tentando me acalmar, falei:

– Querida, não há nada de errado em brigar. Às vezes nós não concordamos. Às vezes *discordamos* muito sobre como lidar com algo. Precisamos encarar numa boa o fato de ter uma briga.

– Bom, nós brigamos neste fim de semana também. E esta briga agora parece grande – ela falou.

– Porque é! – respondi, com um riso incrédulo – Quer dizer, é só o nosso futuro, né?

Ela não respondeu. Tudo o que pude ouvir foi um barulho do outro lado: o hábito nervoso de Hanna bater a caneta na perna.

Encostando-me na parede, falei:

– Hanna, preciso que me diga *alguma coisa*.

– Não tenho certeza do que dizer porque não sinto que posso tomar uma decisão ainda. Eu não fui à Caltech. Também não tive resposta de Harvard, Berkeley ou Rice ainda.

– E tudo bem – eu falei para ela. – Tudo o que estou pedindo é para *conversarmos* sobre isso, porque você *tem* ofertas de cinco faculdades, mas nem discute as hipóteses comigo. Você amou Harvard, amou Princeton, mas ficou em dúvida quanto a trabalhar em Hopkins e no MIT. Certo?

– Certo.

E então ela não disse mais nada.

– Você só tem mais uma entrevista – lembrei-a, mais calmo. – Você já teve resposta de todas as faculdades, exceto três. Então, quais são suas três favoritas?

– Baseado em quê? – ela perguntou, ficando claramente irritada. – Localização? Recursos? Salário? Quantidade de aulas? Como você quer que eu avalie essas coisas?

Deixei minha cabeça cair para trás contra a parede com um baque surdo.

– Jesus, Hanna. É como se você fosse patologicamente incapaz de tomar uma decisão. Você pode avaliar isso comigo, passo a passo.

– Mas é *complicado*, Will. Este não é um processo simples. Há milhões de fatores aqui.

– Jura que você vai dar uma de superior comigo agora? – falei, irritado, desencostando-me da parede para andar pelo apartamento. – Eu sei quais faculdades está visitando quando sai de casa, e você geralmente me conta os detalhes das entrevistas quando volta, mas me diz o que achou depois? Não! Então, sim, *eu* sei que é um processo complicado, mas *você* parece não saber.

– Talvez eu esteja simplesmente tentando manter a mente aberta.

– Foda-se a mente aberta! – gritei. – Tenha a mente aberta quando estiver na entrevista. Dentro desse casamento, quero que me conte todos os apertos, medos e esperanças. Não preciso da versão bonitinha. Quero saber das coisas grandes e pequenas, das coisas ruins e sensacionais. Agora, sei quais perguntas fizeram para você nas entrevistas, qual seria o tamanho do laboratório, qual seria o financiamento inicial, mas não tenho nenhuma ideia do que você *gostou*. E você não me perguntou nenhuma vez onde eu gostaria de morar, o que eu gostaria de fazer. Eu vou segui-la para qualquer lugar, Hanna, mas quero fazer isso como seu *parceiro*.

Ela ficou muito quieta, e por alguns instantes me perguntei se tivera o deslante de desligar na minha cara. Mas então ouvi um pequeno soluço e percebi que estava chorando.

– Não estou querendo ser egoísta – disse ela. – Você sabe disso, certo?

– Claro que sei – falei, mais calmo. – Mas, olha só, você tem de resolver isso comigo, como o casal que somos. O seu desejo de manter a mente aberta significa que não está se permitindo gostar de nenhum lugar. E sua incapacidade de expressar uma preferência, não importa quão preliminar seja, está tornando totalmente impossível a possibilidade de eu me envolver nesse processo. – Ouvi-a assoar o nariz ao fundo. – E, agora, sua falta de vontade de lidar com qualquer tipo de confronto está deixando de ser ingenuidade e se transformando em falta de consideração. Eu não gostava do jeito que você evitava lidar com as coisas, isso quase terminou com o nosso relacionamento antes mesmo de começarmos, e odeio isso agora.

Ela fungou.

– Só quero desligar o telefone.

Meu coração parou.

– Hanna. O que é isso?

– Você está me fazendo sentir como se eu fosse uma criança. Vejo você na



sexta à noite.

Ouvi o clique do telefone, e nada além do silêncio chegou pela linha. Ela havia desligado. Gritei com ela e ela desligou. Parabéns, Will.

Atravessei a sala com o peito cheio de culpa, irritação e puro medo e joguei-me de volta no sofá. Minha cerveja ainda estava na mesa de centro à minha frente, ainda cheia, e a água havia se condensado em torno da garrafa e escorrido pelo vidro até formar uma poça na madeira. Peguei-a e levei-a à boca.

Aquela ia ser uma noite muito longa.

—

Jensen corria ao meu lado na trilha.

— Sim, eu provavelmente sou a pior pessoa para você falar sobre isso — disse ele. — Tive que aguentar a Hanna enfiar a cabeça na areia durante anos.

— Não, então... — eu falei, olhando para ele. — É nessa hora que você tem que me dizer que é normal ter uma briga assim uma *semana* depois de se casar.

Isso fez ele rir, seco, e só então percebi o que eu tinha dito.

Parei de repente, no meio da trilha.

— Jens, desculpe, eu não quis dizer...

— Você quer que *eu* fale o que é normal uma semana depois do casamento? — ele perguntou, inclinando-se e colocando as mãos nos joelhos, enquanto recuperava o fôlego.

— Desculpe — falei, balançando a cabeça. — Cara, isso foi muita falta de consideração. Sou um babaca mesmo.

Ele fez um gesto de deixa para lá e se levantou.

— Levando em conta que minha mulher, que foi minha namorada por nove anos, me disse uma semana depois do nosso casamento que não tinha certeza se deveríamos ficar juntos, eu diria que você e Hanna estão muito bem. Que estão enfrentando um período muito estressante, só isso.

— Acho que sim. — Olhei para a trilha mais à frente e para a fila de mães com carrinhos de bebê vindo em nossa direção. Fazia horas que eu estava me sentindo nauseado.

Sáímos do caminho, pisando na grama, e Jensen tirou uma garrafa de água do seu desajeitado cinto de corrida.

— Hanna tem uma concentração de raio laser — disse ele, tomando um gole. — É por isso que é tão boa no que faz e péssima em fazer várias coisas ao mesmo tempo. Acho que você devia dar algum crédito a ela por ser sempre tão coerente.

Não aguentei e dei risada.

– Ela está só tentando ser adulta – disse ele. – Talvez ache que é assim que os adultos lidam com as coisas. De um jeito meio imperturbável.

Resmunguei, sabendo que ele estava certo, e espantado com a facilidade com que tinha chegado a essa conclusão.

– Bom, isso faz sentido; ontem à noite ela reclamou que eu a estava tratando como criança.

A risada de Jensen retumbou no ar frio da manhã.

– Boa sorte com isso aí, Will! – Ele fingiu que estava secando uma lágrima. – Caramba, acho que ver vocês dois com dificuldades no casamento sempre vai ser uma novidade.

–

Acordei assustado, com o celular tocando no criado-mudo. Peguei o telefone, passei o dedo pela tela e vi o relógio: três e pouco da manhã.

A última vez que eu tinha olhado para o relógio fazia apenas quinze minutos.

– Ei, Ameixa.

– Ei, você.

Uma onda de alívio percorreu meu corpo.

– Você está bem? – perguntei.

Ela deixou escapar um soluço e disse, chorosa:

– Não muito... – e fez uma pausa. – Você estava dormindo? Sua voz está bem sonolenta.

Sacudindo a cabeça, falei:

– Dei uma cochilada alguns minutos atrás.

Ela começou a pedir desculpas, e a interrompi.

– Não, não, estou feliz que você ligou.

– Também não conseguia dormir – ela admitiu, com a voz um pouco abafada, como se estivesse deitada de lado. – Sinto sua falta e odeio o fato de estarmos brigando.

Deixei minha cabeça cair no travesseiro e passei a mão no rosto.

– Desculpe. Fui um idiota hoje.

– Você não foi... Você estava certo.

Balancei a cabeça, com a mão no rosto. Eu *estava* certo e sabia disso, mas poderia ter sido mais gentil. Como Hanna era tão equilibrada em vários aspectos, era fácil esquecer que tinha apenas vinte e cinco anos e estava prestes a escolher em qual universidade de prestígio deveria trabalhar. Falar com Jensen ajudou a me lembrar de que Hanna tinha passado voando pela faculdade em três anos,

pela pós-graduação em outros três e tinha feito um pós-doutorado em apenas um ano, e ainda estava aprendendo como administrar escolhas de carreira que muitos de nós só tivemos de fazer muito mais tarde.

– Então, como foi o resto do seu dia? – perguntei à minha mulher.

Ajeitei-me de novo na cama enquanto ela respirou fundo e começou uma descrição detalhada da entrevista de trabalho: o que perguntaram durante a conversa, as reuniões com outros docentes depois e, mais tarde, o jantar com o chefe de departamento em um restaurante japonês pequeno, mas aparentemente fantástico, em São Francisco.

Ela falou sobre o que comeram, sobre as fofocas inocentes que compartilharam e as estranhas coincidências ao longo do dia, que, francamente, eram comuns nos círculos de pesquisa.

Enquanto ela falava sem parar, eu a ouvia e tentava nos imaginar lá.

Eu tentava visualizar nós dois *morando* lá.

Como cresci no Noroeste do Pacífico, podia imaginar uma mudança para a baía de São Francisco. Só não tinha certeza de que *queria* me mudar para a Califórnia. Eu gostava das nossas estações. Gostava do nosso caos urbano. Não queria ter de dirigir para todo lugar.

Eu não queria mesmo deixar a Costa Leste, e foi só neste momento que percebi que esse sentimento era muito forte.

Merda.

– Mas eu não sei – disse ela, tirando-me dos meus pensamentos. – Não consigo nos imaginar lá! – Ela fez uma pausa, e perguntei-me se eu não tinha dito nada daquilo acidentalmente. – Não consigo imaginar você aqui – ela acrescentou.

Engoli em seco, tentando colocar as palavras na ordem certa, de forma que eu não concordasse muito rápido e a fizesse sentir que não poderia escolher uma faculdade na Califórnia. Eu tinha falado a verdade, a seguiria para qualquer lugar, mas não tinha como negar que uma grande parte de mim esperava não ter que segui-la para *lá*.

– Não consegue? – perguntei, cauteloso.

– Não – ela disse e pareceu se virar na cama. – Você precisa estar numa cidade grande, maior que Berkeley.

– Você ainda tem um monte de opções de cidades – lembrei-a.

– Tenho.

– Então, Berkeley está fora? – perguntei com cuidado.

Ela respirou fundo e, por fim, sussurrou:

– É... Acho que sim. Gostei daqui, mas não o bastante.

Ficamos em silêncio e imediatamente fiquei sonolento ao ouvir o som de sua

respiração tranquila. De vez em quando, eu ficava assustado ao perceber como tinha ficado dependente dos sons dela dormindo ao meu lado.

– Eu amo tanto você – ela murmurou.

– Eu também te amo – declarei-me. – Volte para casa.

Então dormimos, sem nos preocupar em desligar o telefone.

–

Sem falar nada, cancelei o carro que Hanna tinha agendado para buscá-la no aeroporto e eu mesmo fui encontrá-la. Num rompante, decidi dirigir o velho Subaru de Manhattan até o JFK.

A realidade dessa ideia estúpida – o trânsito, a simples logística de estacionar no aeroporto – reafirmou minha vontade de não ter de dirigir todo santo dia.

Mas quando ela desceu as escadas rolantes, exausta, linda e amarrotada... Caramba! Eu teria atravessado qualquer congestionamento para encontrá-la. Surpresa, ela correu para os meus braços, com um perfume doce e quente que pedia sexo.

– O que você está fazendo aqui? – ela perguntou, com a voz abafada pela minha jaqueta.

– Vim levar você.

– Para casa? – ela perguntou.

Fiz que não.

– Nós vamos passar o fim de semana no interior.

Afastando-se para olhar para mim, ela perguntou:

– Por quê?

Peguei sua mala e a guiei para a saída.

– Quando desligamos o telefone de madrugada – acrescentei, rindo –, não consegui parar de pensar sobre como eu queria que você estivesse em casa para que pudéssemos conversar e relaxar e voltar à normalidade. Era essa estranha apreensão e percebi... que nossa vida vai mudar. E preciso saber que podemos conversar sobre tudo isso em outro lugar que não na nossa casa. Preciso saber que podemos ser *nós dois*, não importa onde estivermos.

Ela se virou, esticando-se para me beijar, ao lado do carro, e lutei contra a tentação de não abrir a porta de trás para transar com ela naquele estacionamento nada seguro.

A viagem para o interior foi uma tortura, com a mão dela brincando na minha calça jeans aberta, fingindo que ia me masturbar, sem chegar às vias de fato. Em vez disso, ela me provocava com os dedos e com a boca no meu pescoço,

depositando depois o peso de sua cabeça em meu ombro enquanto descansava deixando a mão quente na minha barriga enquanto cochilava.

Já era tarde quando finalmente chegamos na pousada e fizemos o *check-in*, deixamos a conversa de lado e atravessamos o corredor nas pontas dos pés, tentando não fazer barulho, até nosso quarto.

O quarto era arejado e cheirava a grama molhada recém-cortada. Lá fora, grilos cantavam e o vento fazia ranger os galhos das árvores ao lado da janela. De fato, não era nada parecido com o nosso apartamento em Manhattan. E então os olhos de Hanna se encontraram com os meus e ela sorriu.

O mundo inteiro se abriu.

Tirei suas roupas com as mãos trêmulas e a joguei na cama barulhenta. Sua boca se curvou num sorriso e seus braços pálidos me convidaram sobre as cobertas.

O cheiro dela, o gosto da sua pele nos meus lábios.

Acendi o abajur para vê-la melhor; o calor subiu pelo seu pescoço quando coloquei meu rosto entre seus peitos, gemendo.

Os músculos de sua barriga se contraíram sob os meus lábios enquanto eu descia pelo seu corpo, beijando, lambendo e chupando até que Hanna me puxou pelos cabelos para cima dela, arrancando minhas roupas com mãos sedentas e impacientes.

Foi rápido e... caralho! Provavelmente um pouco rude demais. Mas adorei o jeito como os peitos dela se mexeram quando segurei suas mãos acima da cabeça e a fodi com toda a força.

Eu não sabia o que tinha dado em mim.

Uma chave havia sido ligada, um gatilho antigo havia sido puxado. Ela tinha viajado. E eu precisava lembrá-la, lembrar minhas mãos, minha boca e meu cacete de que isso era o normal: *nós dois*. O lugar pouco importava.

Ela gozou, mas só depois de mim. Não sei como consegui fazê-la chegar lá sem cair de cansaço. Ela arranhou meu pescoço quando estava perto, tirando sangue e me fazendo ver estrelas.

Caí sobre ela, pesado, e consegui não esmagá-la com os cotovelos, enfiados no colchão perto da sua cabeça.

– Fizemos muito barulho? – ela perguntou, ofegante.

– Não tenho energia para me preocupar com isso.

Ela riu debaixo de mim.

– Amanhã teremos um café da manhã constrangedor na pousada.

Eu a virei, passando a mão por seu tronco suado.

– Você acha que vou deixá-la sair deste quarto?

Ela acomodou seu corpo junto ao meu, beijando o arranhão que tinha deixado

na minha pele.

– Maridinho querido?

Meu sangue vibrou com suas palavras.

– Hum?

– Nós estamos bem?

Agora, isso – *isso* me fez rir.

– Ameixa – estiquei-me para beijá-la. – Não importa o que acabamos de fazer nesta cama minúscula, nós *sempre* estamos bem.

Levantando-se, Hanna andou até a porta, tirou um caderno da bolsa e voltou para a cama.

– Vire-se – ela disse, empurrando meu ombro.

Fiquei de bruços e descansei o rosto no braço dobrado. Ela colocou o caderno frio nas minhas costas e levei um pequeno susto.

– O que está fazendo?

– Preciso fazer uma lista do que a Caltech precisa me oferecer para superar Harvard.

Virei o rosto, mal conseguindo vê-la por sobre o ombro. Eu gostava do fato de ela acreditar que todas as faculdades a queriam. Mas também não queria que ficasse mal se não recebesse uma oferta de sua favorita.

Perguntei-me se a havia pressionado demais para que elencasse as suas preferidas, como se tivesse a chance de escolher.

– Quando você acha que terá uma resposta de Harvard?

Ela sorriu, esticando-se para beijar meu rosto.

– Eles me ligaram hoje.

## *Seis*

Eu sabia que era errado ligar para Will tão tarde, mas não tinha conseguido falar com ele até então e não queria esperar até de manhã de jeito nenhum. O telefone só tocou uma vez antes de ele atender.

– Ei, Ameixa.

– Ei, você.

– Isso está se tornando um hábito – disse ele em meio aos rangidos da cama.

– Eu sei, temos até diálogos prontos e tudo mais.

– Como foi seu dia? – ele perguntou, com a voz rouca e grave. Nós estávamos bem quando saí para a Caltech, então imaginei que provavelmente estaria dormindo, e não tentando dormir. Olhei para o relógio e senti-me ainda mais culpada por ligar tão tarde.

– Foi ótimo – eu disse, notando, em seguida, a pausa do outro lado da linha. Sempre suspeitei que esse assunto em particular deixava Will ansioso, mas foi só depois daquela última explosão que eu soube exatamente o quão ansioso e o porquê.

Olhando para trás, admito que estava muito concentrada na minha busca de emprego. Eu tinha uma lista de possíveis candidatas e fui eliminando-as, uma a uma, sem tentar formar nenhum tipo de opinião sobre o resultado até que tivesse o máximo de informação possível. Eu estava analisando a situação com o lado lógico do meu cérebro e, francamente, essa parte do meu cérebro era babaca e insensível. Mas agora, levando o ponto de vista de Will em consideração, vi como tinha sido injusta e como aquilo era algo que precisávamos fazer juntos, como um casal, em vez de eu comunicar para ele quando tivesse decidido.

Já fazia um bom tempo que eu suspeitava que Will preferia uma faculdade longe da Califórnia – ou de qualquer lugar na Costa Oeste, na verdade – mas, como é típico dele, Will estava guardando sua opinião até que eu tivesse a chance de expressar a minha. Max estava certo; Will provavelmente faria as malas e me seguiria até a Antártida se eu arranjasse um emprego que adorasse lá.

– Foi ótimo – ele repetiu, com a voz cuidadosa demais. – Bom, isso é... *ótimo* então, não é?

– Sim, quer dizer, eles foram bastante atenciosos. Acho que também fizeram a pesquisa deles, porque sabiam qual era minha banda favorita na cidade. Eles me levaram para um show no Rose Bowl. De camarote. Quem faz isso?

Ele riu devagar, com seu jeitinho sonolento, e pude imaginá-lo passando a mão no rosto.

– Acho que uma faculdade que quer muito você, Ameixa. Você se divertiu?

– Foi incrível! – eu disse. – Pasadena é muito bonita.

– É mesmo.

O campus era bonito, as casas eram belas, o clima era agradável, mas, assim como em Berkeley, eu não conseguia imaginar meu marido no meio daquilo tudo. Will e palmeiras simplesmente não combinavam. Eu o via à sombra de arranha-céus, parando um táxi e me puxando no meio da multidão e do trânsito enquanto eu falava Deus sabe o quê, sem prestar atenção em tudo o que acontecia ao redor. Ele precisava de restaurantes obscuros e de adrenalina, de uma cidade com história e cultura, quatro estações e invernos que nos permitissem correr na neve. De um lugar em que eu reclamasse do frio e ele fizesse alguma coisa engraçada para me distrair, e onde pudéssemos ver a fumacinha da nossa risada no ar frio. E, enquanto eu pensava sobre isso, percebia que eu também precisava. Pasadena era ótima, mas não era certa para nós.

– Foi incrível – repeti. – Mas acho que não é o lugar para nós.

– Ok, então isso reduz as opções a...

– Acho que decidi – falei para ele. – Se você estiver pronto para ter essa conversa, é claro. Eu sei que está tarde aí. Ou cedo? Para uma cientista, sou mesmo muito ruim com a matemática do fuso horário.

Ouvi o farfalhar do lençol e percebi que Will estava sentando na cama. Eu o imaginei nu, com o lençol bem na altura do quadril e sua pele quente de sono.

Eu estava com tanta saudade que mal podia aguentar.

– Não, não. Definitivamente estou pronto para conversar – disse ele. – Entusiasmado até.

– Está bem – concordei com um suspiro. Eu podia sentir meu pulso acelerado no peito e sabia que este era um momento importante.

– Você tem certeza de que não quer esperar eu voltar? Para falarmos pessoalmente...

– *Hanna* – ele disse, rindo. – Estou pronto para começar o resto da minha vida com você. Fale comigo.

– Certo, certo. Sim... Como eu disse antes, não consigo imaginar você em



Berkeley. E tenho certeza de que não consigo vê-lo em Pasadena. A Caltech é ótima, mas não é para mim. Não é para *nós*. Tudo bem para você?

– Mais do que bem, Ameixa.

– Sei que ainda estamos esperando algumas respostas, mas acho que gosto de Harvard. O programa deles é incrível e, é claro, a faculdade é excelente. Paga um pouco menos que Princeton, mas acho que tenho espaço para negociar lá, embora eu saiba que Nova Jersey seria muito mais fácil em termos de arranjar onde morar e da mudança toda em nossa vida.

– Você sabe que isso não é um fator importante para mim – disse ele. – Você não passou toda sua vida adulta construindo uma carreira para escolher o que é mais fácil.

– Eu sei e agradeço por você entender isso. E você vai ganhar muitos boquetes no futuro por ser um marido tão incrível e compreensivo. Eu amo você.

– Também te amo – ele fez uma pausa. – Então... Harvard? – ele perguntou, e foi impossível não perceber a empolgação em sua voz.

– Acho que sim. Eles querem mesmo que eu trabalhe lá e acho que eu teria mais flexibilidade, o que é... é uma coisa que quero muito. Equilíbrio. Você se lembra disso, não? – eu disse, sorrindo no quarto escuro do hotel.

– Equilíbrio soa maravilhoso para mim. Então vamos nos mudar para Boston?

– Se você achar que podemos ser felizes lá...

– Acho que eu poderia ser feliz em qualquer lugar que você escolhesse – ele falou, e tive a certeza de que ele também estava sorrindo naquele momento.



Se essa coisa de Harvard não desse certo, Will e eu definitivamente não nos daríamos bem abrindo uma empresa de mudança.

No primeiro fim de semana depois da Caltech e a três dias da nossa lua de mel, acordamos, fizemos café juntos, saímos para correr, encontramos os amigos para um *brunch* e voltamos para casa. Dali para a frente, tudo se dissolveu num caos.

Às onze da manhã, não tínhamos feito nada além de cobrir a sala com caixas de papelão dobradas. Não sei como, mas consegui grudar meu rabo de cavalo numa caixa e, quando Will finalmente me encontrou tentando tirar a fita adesiva do cabelo, ele acabou me chupando em cima da mesa de centro.

Eu não sei muito bem como aconteceu.

Não que eu estivesse reclamando.

No nosso quarto, decidimos encaixotar a coleção de gibis de Will.

O criado-mudo é onde a maioria das pessoas guarda pornografia. Enquanto eu

via Will tirar suas edições preciosas, uma atrás da outra, e empilhá-las com reverência em cima da cama com um olhar vidrado, percebi que sua reação à pornografia era idêntica.

Joguei-me na cama e comecei a folhear um gibi. Na minha visão periférica, podia ver Will me observando, com as sobrancelhas franzidas e o canto da boca torcido.

– Hanna – disse ele, retirando com cuidado algumas revistas nas quais eu podia, sem querer, deitar-me em cima. – Cuidado, querida. Algumas dessas são mais velhas que você.

– Ah, sim. Desculpe.

Will começou a guardá-las com cuidado nas caixas, e peguei um exemplar com uma heroína especialmente peituda na capa.

– Sério, Will? – eu disse, levantando-a para ele ver. Com um decote enorme, ela estava praticamente se derramando para fora da roupa. – Já vi muitas roupas de gosto duvidoso nessas garotas, mas esta é ridícula, beira o obsceno. Como alguém pode lutar contra o crime vestido assim?

– Ah, uau... – ele falou, ignorando totalmente minha crítica e começando a folhear as páginas. – Faz anos que eu não via essa...

– Que raio de poder ela tem? Ela bate nos bandidos com os peitos? Que roupa é essa que ela está usando? Acho que fico mais coberta do que ela quando tomo banho.

– Essa é a Power Girl, e a roupa dela é assim por um motivo.

– O motivo é fazer adolescentes se masturbarem sem ter de comprar pornografia?

Ele não disse nada, e eu arregalei os olhos.

– Ah, meu Deus! – falei.

– Acho que entendo isso – ele murmurou, enquanto guardava os quadrinhos nas caixas com muito menos cuidado do que um minuto antes.

Rolei na cama, aos risos.

– Espere até eu contar para Max que você se masturbava lendo gibi.

– Hanna, a *maioria* dos caras se masturbava lendo gibi. É o bê-á-bá da masturbação.

– Tá bom, você fez isso parecer muito menos divertido para mim, mas devo dizer que seu fetiche por peitos faz muito mais sentido agora.

E foi assim que, meio-dia e meia, acabamos transando sobre uma pilha de gibis. Ele pode nunca admitir isso, mas acho que o Will adolescente tinha acabado de ticar um item da lista.

Às cinco, Will estava olhando uma caixa de livros na sala quando passei por ele a caminho da cozinha.

– Precisa de ajuda? – ele perguntou, colocando de lado um livro gigante de biologia estrutural e apontando para a caixa que eu carregava.

– Não, esta está leve. São só roupas íntimas, mas percebi que quero experimentar algumas – falei para ele. – Você não está com um exemplar da Power Girl aí no meio, está?

– Que engraçadinha – ele resmungou, virando-se e me seguindo pela sala.

– Posso te deixar sozinho por alguns minutos – ofereci, generosamente.

Coloquei a caixa no aparador e comecei a mexer no conteúdo. Will ficou do meu lado.

– Ah, eu me lembro dessa – ele disse quando eu tirei uma calcinha de seda.

– Lembra?

– Você estava usando na casa dos seus pais quando fui visitá-la na Páscoa.

Ah, sim, a visita fatídica da Páscoa, quando ninguém na minha família sabia que Will e eu estávamos saindo juntos. Eu o atraí para o meu quarto e o convenci a fazer sexo sem camisinha enquanto minha família estava toda reunida lá embaixo.

*Deus.* A vida inteira de Will passou pelos seus olhos quando Jensen bateu à porta.

– Você não se lembra de comprar sabão em pó, mas se recorda disso? – perguntei.

– Sim. Bem... – Will é bem mais alto que eu, e mesmo estando atrás de mim ele conseguia ver sobre os meus ombros. – Posso? – ele perguntou, mexendo no conteúdo da caixa.

– Divirta-se! – falei e fui até o freezer, voltando com um pote de sorvete. Com a colher na mão, subi no aparador ao lado dele e abri a tampa.

Ele tirou uma calcinha após a outra da caixa, levantando as sobrancelhas e me beijando com vontade sempre que alguma o fazia ter uma lembrança feliz. Aparentemente, tirar as coisas das caixas era muito mais divertido do que guardá-las.

– Espere – disse ele, demorando-se à medida que chegava às mais básicas, no fundo. – Por que nunca vi você usando nenhuma dessas até agora?

Enfiei a colher no pote de sorvete e coloquei na boca.

– Porque essas são as calcinhas para “aqueles dias”.

Os olhos dele voaram para os meus.

– Que dias?

– Menstruação.

Will balançou a cabeça, indiferente, enquanto voltava a olhar a caixa.

– Entendi.

– Você é tão compreensivo às vezes que chega a ser um pouco esquisito.

Bonitinho, mas esquisito.

Ele olhou para mim de novo, com um sorrisinho torto.

– Você tem calcinhas especiais para quando está menstruada e eu que sou esquisito?

Dei de ombros.

– Bom, é...

Ele piscou algumas vezes.

– Por que você se importa?

– Hoje em dia eu não quero estragar as minhas calcinhas boas, mas na época do colégio eu não *tinha* calcinhas boas. – Resfoleguei enquanto pegava outra colherada. – *Ninguém* via minhas calcinhas na época. Sabe, eu até me lembro de uma empresa que um cara abriu chamada Calcinhas Menstruais. Elas tinham nomes, como Semana do Tubarão e Conde Drácula. Acho que tinha até uma que se chamava Rambo: Programado para Sangrar, com um unicórnio que tinha acabado de sair de uma briga de bar ou algo do tipo. – Coloquei outra colher de sorvete de chocolate na boca enquanto Will me observava. Fiz uma pausa.

– O que foi? – perguntei.

– Não consigo me decidir se isso é horrível ou absolutamente genial.

Concordei, engoli o sorvete e disse:

– Se eu me lembro bem, servia para não ter que espantar os avanços indesejados naquela semana. Então, em vez de dizer “desculpa, querido, estou naquela época do mês”, você podia simplesmente colocar esse aviso perto da vagina e mostrar suas calcinhas menstruais.

Fiz o que parecia um movimento em V com a colher em cima da minha virilha e peguei outra colherada de sorvete.

– Você sempre foi estranha assim? – Will perguntou.

Olhei para ele, sem expressão.

Ele pegou umas calcinhas azuis de algodão.

– O que há de errado com essas?

Saltando do balcão, peguei-as e joguei de volta na caixa.

– Bom, nada, na verdade. Exceto que parecem algo que minha mãe usaria.

– Ah, tá, agora você estragou tudo.

Eu ri, jogando uma calcinha nele.

– Estraguei o quê? Eu sou tão preguiçosa que, se não fosse por Chloe, provavelmente usaria a mesma calcinha até o elástico lacear. Mas nenhum cara acha isso sensual *de verdade*.

– Você obviamente não entende nada de homens. Ou, mais especificamente, *deste* aqui.

Eu soltei uma risada.

– Não entendo?  
– Não – disse ele, pegando uma calcinha amarela. – Eu não tenho medo de menstruação e você poderia andar por aí com *cinco pares* das piores calcinhas já vistas e eu ainda assim ia querer transar com você.  
– É mesmo?  
Will pegou minha colher de sorvete e colocou na boca.  
– Com certeza.



Vinte minutos depois, saí do quarto – quase nua, exceto por uma regata branca e cinco pares das calcinhas mais feias para “aqueles dias que eu tinha” – e me sentei no sofá, na frente da TV.

Will parou de fechar a caixa com fita adesiva e olhou para mim.

– Uau, Ameixa.

Cruzei as pernas, peguei o controle remoto e liguei a TV.

– William?

Ele se endireitou, colocou o rolo de fita na estante e levou a caixa para uma pilha perto da porta. Então veio na direção do sofá e sentou-se na beirada da mesa de centro, na minha frente.

– O que você está fazendo?

– Só vendo televisão.

Ele olhou para a tela e para mim.

– Mas não fala espanhol.

Pisquei para ele, encarando-o, e mudei de canal.

– Eu estava lendo a legenda.

Will inclinou a cabeça para o lado, passeando com seus olhos da ponta dos meus pés até o meu rosto.

– Você está bonita.

Eu não tinha muita certeza do que eu estava fazendo e na verdade estava começando a suar um pouco. Por que eu sempre decido provar o meu ponto de vista e só depois refletir sobre ele?

– Obrigada – respondi.

A mão dele se curvou em volta do meu tornozelo, passando o polegar na parte de cima do meu pé. Tirei o pé do lugar e me levantei para ir à cozinha, tentando me lembrar de tudo o que Chloe tinha me dito sobre ser sensual. Acho que rebolei um pouco, mais parecendo que estava com câibra.

– Você quer uma cerveja? – perguntei, sem chegar ao final da frase.

Will caiu na risada, dobrando-se de gargalhar, e me jogou de volta no sofá.

– Você está tentando provar seu ponto de vista aqui, Ameixa?

– *Sim!* – gritei, tentando escapar. – Admita que não acha isso nada sensual. Admita!

– Você está brincando? – disse ele, enfiando a cabeça no meu pescoço e cobrindo-me de beijos. Ele fez cócegas na minha barriga e levantou minha blusa até as costelas. – Já faz um tempinho, eu poderia fazer de novo agora.

– *Você está falando sério?* – gritei, rindo e tentando me esquivar dos dedos dele.

Sobre a blusa, ele beijou todo meu colo e entre os seios. Seus dedos desceram até o elástico das calcinhas e, lentamente, ele tentou tirá-las. *Tentou* é a palavra certa, porque cinco pares de calcinhas não se ajustam do mesmo jeito que um só...

– Mas que diabos é isso? – ele exclamou, puxando o tecido.

– É só... Ai, meu Deus, Will – eu me dobrei para o lado de tanto rir, com lágrimas nos olhos. Ele conseguiu tirar o primeiro par, segurando-o vitorioso antes de começar a tirar o segundo.

– Caramba! – disse ele, tentando puxar as calcinhas para baixo sem esgarçá-las ou estragar o elástico.

– Você colocou algum tipo de cola nelas?

– Não!

– Ok... Acho que esta não foi a minha melhor ideia. E você, fique parada! É como tentar descascar uma cebola girando!

– Vou morrer de rir e, quando a polícia finalmente chegar aqui, ainda vou estar com essas calcinhas horrorosas. Por que você simplesmente não tira todas de uma vez?

– Você não espera que eu pense quando todo o meu sangue está no meu pau!

– Eu falei que não era sensual. Admita que eu estava certa que eu tiro todas. Admita que sou mais inteligente que você.

– Tá bom, você com certeza é mais inteligente que eu, e elas são sensuais, sim! – ele falou. – E não vejo nenhuma forma de sair perdendo dessa situação. – Ele levantou minha blusa por cima da cabeça e pegou meus peitos em suas mãos.

– Nós nunca vamos conseguir encaixotar as coisas nesse ritmo – falei, observando enquanto ele chupava um mamilo e depois o outro.

– Eu disse que gostaria de ter contratado alguém, mas isso está sendo divertido. Hoje... – Ele beijou meu peito novamente e depois olhou para mim. – Hoje foi um dia sensacional!

– E você não está preocupado em perder isso? Quando nos mudarmos?

Will balançou a cabeça, colocando um cotovelo em cada um dos meus ombros

e olhando para mim.

- Lembra-se de San Diego, no casamento de Ben e Chloe?
- Você quer dizer, quando nós mal saímos do quarto?

Will sorriu.

– Exatamente. Você vai detonar em Harvard e será a melhor professora que eles já tiveram. Eu vou resolver as coisas com Max, talvez até abrir um segundo escritório, e tudo vai dar certo. Como sempre dá, Ameixa.

Agarrei seus quadris, apertando o H tatuado ali, e percebi que ele estava certo.

Isso? Isso era uma constante. Nós podíamos nos mudar para o outro lado do mundo e nada mudaria.

Nós iríamos ficar bem.

## Sete

Max e Jensen bateram na mesa com as mãos, rufando os tambores.

– Como foi a lua de mel? – Sara perguntou, e todos suspiraram. – Não quero saber da maldita lua de mel! – Max exclamou. – Já ouço o suficiente sobre a vida sexual deles num dia normal. Diga para onde vocês vão se *mudar*!

– Não sei se aguento – disse Chloe, segurando os dois lados da cadeira. – Juro por Deus que vou perder as estribeiras de um jeito violento se estiverem pensando em se mudar para a Costa Oeste.

– Nós decidimos – disse Hanna para a mesa –, e vamos mudar para...

Ela olhou para mim, e nós dois falamos juntos:

– Cambridge!

Eles comemoraram em coro, parabenizando Hanna por ter sido chamada por Harvard. Levantamos os braços num brinde, tilintando alto os copos.

– Em Boston? – disse Chloe, depois de colocar a taça de vinho na mesa. – Isso fica a trezentos quilômetros daqui!

– Você está feliz ou irritada? – perguntei para ela. – Não sei dizer...

– Eu... também não sei. – Chloe admitiu, com a testa enrugada. – Eu estava me preparando para alguma coisa muito traumática. – Ela piscou para nós. – Boston é uma distância chata. É muito longe para ir dirigindo sempre, mas não faz sentido ir de avião. Além do mais, é *Boston*.

– Não para mim – disse a eles. – Vou ficar lá três dias por semana.

Sara me passou a bebê e foi procurar alguma coisa menos barulhenta para Anna brincar do que a colher que ela estava batendo na mesa. Eu a virei para me olhar e estiquei os lábios para lhe dar um beijo.

Anna agarrou minha boca com sua mão gordinha.

– Vocês vão passar o fim do ano lá? – Sara perguntou. Ela voltou com um chocalho de plástico e percebeu que Anna agarrava meu rosto com força, enquanto Max assistia se divertindo, é claro. – Ai, puxa, Will, isso deve estar doendo!



Sara convenceu a filha a trocar minha boca pelo brinquedo, e Annabel não demorou em usá-lo como um martelo na minha cabeça.

– Ei! – Max falou, finalmente se inclinando para segurar a mãozinha dela. – Ai, ai, pequena, não faça assim. Isso machuca o tio Will.

– Acho que Anna não está muito entusiasmada com Boston – disse Bennett, de forma direta.

– Tudo bem – falei para Sara, inclinando-me e beijando a bochecha de Anna. – Ela precisa aprender esses movimentos. Ela tem um ano agora; você nunca sabe quando ela vai brigar no beco atrás da creche. – Dei um beijo no narizinho dela. – O fim do ano depende do que os pais de Hanna vão querer fazer – eu disse e olhei para Hanna, que encolheu os ombros.

– Chloe e eu vamos receber os amigos – Bennett interveio. – Meus pais vão passar o mês na Nova Zelândia; então, vamos fazer o Natal lá em casa. E não quero que Sara faça muito esforço com um bebê de um mês.

Todos nós olhamos intrigados para Bennett por um momento e decidimos não questionar seu sentimentalismo repentino.

Olhei para a barriga protuberante de Sara.

– Você parece que está com uma barriga falsa!

Ela suspirou.

– Eu sei. Tire ela daqui de dentro, por favor!

– Para quando que você está esperando mesmo? – perguntou Hanna.

– Para ontem. – Sara piscou, amável. – Eles dizem que o segundo normalmente chega antes. *Mentirosos!*

– Você sabe o que costuma ajudar a induzir o trabalho de parto... – Chloe disse, cantarolando, e Sara olhou fixo para ela.

– Já tentamos isso. – Ela levantou a mão e disse, contando nos dedos: – tentamos sexo, comida apimentada, caminhadas... A única coisa que resta, eu juro, é um bisturi.

Max estremeceu ao lado dela, e Hanna se inclinou do outro lado, colocando um braço em volta dos ombros de Sara.

Ouvi enquanto minha mulher contava os detalhes do pacote de contratação de Harvard e me recostei na cadeira, fazendo caretas para minha afilhada. Era inevitável sentir o nó na garganta de emoção. Nós construímos uma vida aqui, e eu não queria perder esses amigos. Não queria ficar muito longe das pessoas que amávamos.

Tínhamos procurado casas pela internet e tínhamos falado sobre como nossas agendas se casariam. Tínhamos discutido a necessidade de ficar perto de nossa família: tanto da dela quanto da família escolhida, que estava conosco à mesa. Em Cambridge, ficaríamos tão perto dos Bergstrom que seria a vez de Hanna

encher o saco de Jensen para ele namorar, e perto o bastante desses idiotas para passarmos os feriados juntos.

Olhei para Hanna enquanto ela conversava animada, alegre como nunca. Ela pegou um guardanapo e desenhou o *layout* do laboratório; depois olhou culpada para mim, virou o guardanapo e desenhou a planta da casa de que tinha gostado.

Massachusetts não tinha ideia do que estava por vir, mas eu tinha.

Aquela chefe irresistível do outro lado da mesa estava prestes a tomar conta do Estado inteiro.

# *Agradecimentos*

Quando os leitores pedem mais histórias de alguns casais, para nós é divertido tentar transformar isso em realidade. E, com frequência, a sensação é de uma reunião de família quando nos sentamos e escrevemos mais um pequeno vislumbre sobre o seu mundo.

Will e Hanna têm um lugar especial no nosso coração, porque foi o primeiro livro que escrevemos juntas quando, de fato, nos sentimos *autoras*, em vez de mulheres de outra profissão que também escreviam livros. E acho que esta constatação repercutiu com os leitores de uma forma realmente duradoura. Então, antes de mais nada, agradeço a cada leitor e blogueiro que escolheu e leu nossos livros e depois nos contou do que gostou, do que não gostou, e do que gostaria de ler mais. Sem vocês, nós não existiríamos.

Agradeço àquelas pessoas essenciais do nosso pequeno mundo: Holly Root (agente extraordinária), Adam Wilson (editor com os melhores comentários nas margens do texto e links do YouTube), Kristin Dwyer (nossa queridinha, e também relações públicas – hehe), e todo mundo da família Gallery: Jen Bergstrom, Louise Burke, Carolyn Reidy, Diana Velasquez, Theresa Dooley, nossa incrível equipe de vendas (sério, queremos pagar um jantar e drinques para todos vocês), e todos que tiveram de corrigir nossas vírgulas e/ou questionar as “exclamações sexuais” com um tom profissional. Vocês merecem um bônus. Tem um à espera de cada um de vocês no escritório de Adam.

Seríamos um monte de lixo incoerente sem Erin Service e Tonya Irving. Nossa mídia social seria uma paisagem deserta sem Lauren Suero pilotando o navio e Heather Carrier tornando as coisas bonitas. Nossas famílias nos fazem sorrir sempre e manter a sanidade, mas você, querido leitor, faz com que tudo isso seja o melhor trabalho do mundo.